

"Houve um mandante"

O advogado de defesa dos réus condenados a penas de quatro a 24 anos de prisão pelo assassinato de Beatriz Fernandes e Jomance Muxito considera que houve pressa em ditar a sentença, pelo facto de uma das vítimas ser figura pública. Para Menezes Madureira, houve um mandante para o cometimento do crime. [p. 18](#)



Campo dos CTT viu despontar nomes sonantes do futebol nacional

Tido como um espaço lendário que marcou pela positiva a história do futebol angolano, o campo dos CTT viu emergir para o mundo da fama figuras como "Brinca na Areia", Zeca Matateu, Chico Negrita [p. 31](#)



LUANDA

JORNAL METROPOLITANO DA CAPITAL ANGOLANA



UNIDOS NA CONSTRUÇÃO DE UMA ANGOLA MELHOR

VENDA DE TERRENOS PELO ESTADO

IMOBILIÁRIAS DISCORDAM DOS PREÇOS PRATICADOS

Uma grande polémica parece se ter instalado à volta da gestão e comercialização dos terrenos infra-estruturados. As imobiliárias defendem que é da sua responsabilidade a venda dos terrenos e a Empresa Gestora de Terrenos Infra-estruturados (EGTI) puxa a "brasa" para a sua sardinha. [p.15-17](#)



FINEZA TETA

"É PRECISO SER HEROÍNA PARA VIVER DA ARTE"

A artista plástica considera que ainda não atingiu 40 por cento daquilo que gostaria de fazer, mas por iniciativa própria e da família conseguiu chegar onde está hoje. "Não posso afirmar que não se vive da arte. Também não posso dizer que se vive cem por cento dela. É preciso ser heroína para viver da arte", afirmou. [p. 27](#)

SEM MANUTENÇÃO E LIMPEZA

PASSADEIRAS PEDONAIS SÃO UM PERIGO À SAÚDE

Sujas, mal cheirosas, transformadas em latrinas públicas, enferrujadas e em estado avançado de degradação, é assim que se encontram muitas pedonais construídas em Luanda. Este triste cenário faz com muitos cidadãos evitem fazer a travessia nessas pedonais, preferindo fazê-lo entre os veículos, colocando as suas vidas em risco. [p.6-7](#)

MUNICÍPIO DO CAZENGA



O grito de socorro de quem perdeu a casa no Kalawenda

O 22 de Janeiro será sempre recordado como um dia de má memória para os moradores do bairro Kalawenda. Em 2007, centenas de famílias foram vítimas de fortes enxurradas que se abateram sobre Luanda. Decorridos mais de 11 anos, os sinistrados reclamam da demora na entrega das novas moradias. [p. 10-11](#)

NOTA DO DIA



CRISTINA DA SILVA
Directora Executiva

ANIMAIS VADIOS

Os proprietários de cães, gatos e macacos capturados na via pública terão 48 horas para reaver os seus animais, mediante o pagamento de uma multa, cujo valor ainda não foi definido. Esta medida dos Serviços Veterinários surge numa altura em que o número de mortes por raiva, este ano, em Luanda, apesar de ainda ser inferior aos de 2017, é preocupante.

Dados da Direcção Provincial da Saúde apontam para o registo de 35 óbitos, em Setembro, na sua maioria crianças menores de 15 anos de idade.

Luanda continua a registar “um exército” de cães e gatos vadios, que chega aterrorizar os cidadãos. Por isso, a sua captura não deve depender do número de mortes provocadas por mordedura.

O Departamento dos Serviços Veterinários da província de Luanda promete realizar uma ampla campanha de captura coerciva de animais vadios. Nesse sentido, todo o cidadão que pretenda criar animais não deve permitir que, apesar dele ser vacinado, deambule pelas ruas, como se de um ser humano se tratasse.

Para prevenir as mortes por raiva, têm início hoje, em toda a província de Luanda, até domingo próximo, uma campanha de vacinação anti-rábica animal. Todos devemos nos juntar a esta causa, para que tenhamos uma cidade melhor para se viver.

“Todo o cidadão que pretenda criar animais não deve permitir que, apesar dele ser vacinado, deambule pelas ruas, como se de um ser humano se tratasse”

Luandando

DOMINGOS DOS SANTOS
Editor



SERÁ DESTA, SOBA MANDUME?

Desde Junho deste ano, a Rua Soba Mandume, no Distrito Urbano do Rangel, tem beneficiado de obras de reabilitação para a melhoria da circulação rodoviária e descongestionamento das vias principais, nomeadamente, a Cónego Manuel das Neves, as Avenidas dos Combatentes e Hoji ya Henda e a Rua da Brigada. O empreiteiro da obra aponta o próximo mês de Dezembro para a conclusão dos trabalhos no troço entre as bombas de combustíveis do São Paulo e a Avenida Hoji ya Henda. O projecto, implementado no âmbito do Programa de Reabilitação e Manutenção das Vias Secundárias e Terciárias de Luanda, prevê a colocação de um coletor de escoamento para as águas residuais e pluviais, terraplenagem da via, bem como a instalação da rede de iluminação pública, sinalização vertical e horizontal e construção de passeios e lancis. Dezembro está às portas, por isso os moradores e automobilistas se questionam se será desta vez que a reabilitação da Rua Soba Mandume vai durar para sempre? A dúvida tem razão de ser, pois já se perdeu a conta de quantas vezes aquela rua foi reabilitada ou beneficiou de trabalhos de tapa buracos para melhorar a circulação rodoviária. O mau trabalho realizado pelas empresas encarregue das obras no passado, aliado a falta de manutenção, foi sempre apontado como uma das principais causas do péssimo estado da Rua Soba Mandume. As intervenções a que a via foi sujeita nunca foram suficientes para acabar, de uma vez por todas, com as “crateras” que nela surgiram ao longo dos anos. Como antigo morador do Marçal e automobilista, vítima dessas “crateras”, quero acreditar que, apesar das más experiências do passado, desta vez a Soba Mandume terá uma imagem digna do seu nome. À semelhança do que aconteceu com a Rua 12 de Julho, no Distrito Urbano do Sambizanga, a Soba Mandume carece de uma intervenção profunda, cujas obras devem consistir na reconstrução geral da via, colocação de um novo pavimento de betão betuminoso e melhoria do sistema de drenagem das águas pluviais, para além de outras intervenções necessárias. Nesse sentido, para o empreiteiro cumprir com as normas internacionalmente aceites no domínio da construção civil, o Laboratório de Engenharia de Angola (LEA) deve realizar os ensaios necessários para o controlo de qualidade dos materiais a utilizar na obra. Os ensaios devem ser feitos não apenas pelo empreiteiro, mas também pelo fiscal da obra, para verificação dos resultados obtidos nos primeiros testes. Caso o material não cumpra com os requisitos de qualidade exigidos, o Governo da Província de Luanda, como dono da obra, não deve recebê-la, para evitarmos ter obras de pouca duração ou de má qualidade, e responsabilizar criminal o empreiteiro por incumprimento de contrato.

Postal da Cidade

Escreva-nos por e-mail para: jornal.luanda@edicoesnovembro.co.ao



JOÃO PEDRO | EDIÇÕES NOVEMBRO

Saúde

FOCOS DE LIXO

A falta de saneamento básico e o lixo têm sido as causas principais do aparecimento de várias doenças, entre elas a cólera e a malária, que têm ceifado a vida de muitos cidadãos, sobretudo crianças. É preciso que haja maior coordenação entre o Governo da Província,

administrações municipais e comunais, para que sejam encontradas soluções que visam eliminar os focos de lixo na cidade de Luanda e arredores. Esta acção é especialmente urgente, tendo em conta o aproximar dos festejos de final de ano, época onde normalmente se verifica aumento na produção de lixo.

A palavra ao leitor



Semáforos da Marginal

Embora muito já se tenha falado do assunto, continua a ser muito arriscado atravessar a via ao longo da Avenida 4 de Fevereiro, a conhecida Marginal de Luanda. Em época de férias escolares, muitos pais acorrem a este belo lugar da cidade de Luanda acompanhado dos filhos. Não faz boa figura pais e filhos a atravessarem a estrada a correr. Há quem mesmo passa por esse sufoco com o carinho de bebé. Os semáforos resolveriam este problema de prioridade. Infelizmente, não é caso na Marginal de Luanda. Seria bom que esse problema fosse resolvido para se evitar o pior.

Charline Adolfo
Zamba 2

Rua do Lobito

Num período que algumas ruas da Baixa da capital do país estão a ser

reparadas, aproveite a oportunidade para pedir que esta iniciativa se estenda a outras muitas ruas em péssimas condições. Uma delas é a rua do Lobito, no bairro São Paulo, tanto que os automobilistas, principalmente ao circularem próximo ao restaurante “Vouzelense”, não têm outra opção senão passar pelo passeio do lado direito da rua. A situação está assim faz algum tempo. Gostaríamos que o Governo Provincial de Luanda fizesse alguma coisa.

João da Costa
Sambizanga

“Banco das confianças”

Não sei bem se é o INADEC ou a Polícia quem deve resolver esse problema. Sabemos o quanto é embaraçoso e um total desrespeito ao consumidor, que, sem outra alternativa, apenas sujeita-se. Quem viaja nos mini-autocarros, principalmente na rota Sequele-Vila de Cacucaco, pode ser vítima do “banco das confianças”. Não existe como tal um “banco das confianças”. Existe sim excesso de lotação, visto que o autocarro traz de fabrico indicações para cinco lugares por banco, mas a interpretação de quem aqui lhe dá uso agrega ainda mais um. O motivo é evidente: lucro fácil. Faça um apelo as autoridades para que a “Operação Regaste” corrija, também, essa irregularidade

Rosa da Silva
Viana

LUANDA

Directora Executiva: Cristina da Silva

Editores: Rosalina Mateta e Domingos dos Santos

Sub-Editores: António Pimenta e Adalberto Ceita

Secretária de Redacção: Maria da Gama

Jornalistas: Arcângela Rodrigues, Fula Martins, Helma Reis, João Pedro, Mazarino da Cunha, Manuela Mateus e Nilza Massango

Fotógrafos: Francisco Bernardo, Rogério Tuti, Contreiras Pipa, Domingos Cadência, João Gomes, M. Machangongo e Kindala Manuel

Departamento de Paginação

Irineu Caldeira (Chefe), Adilson Santos (Chefe-adjunto), Adilson Félix, Waldemar Jorge & Jorge de Sousa

Ilustração: Armando Pululo & Edna Mussalo

Morada: Rua Rainha Jíngá 12/26, Caixa Postal: 13 12

Telefone: 222 02 01 74/222 33 33 44 **Fax:** 222 33 60 73

Mail: jornal.luanda@edicoesnovembro.co.ao

Publicidade: (+244) 926 40 69 29/923 40 27 00 **EMAIL:** antonio.goncalves@edicoesnovembro.co.ao

EDIÇÕES NOVEMBRO
JORNAL DE ANÁLISE CRÍTICA DOS DESEMPENHOS

Presidente do Conselho de Administração: Vítor Silva

Administradores Executivos: Caetano Pedro da Conceição Júnior, José Alberto Domingos, Rui André Marques Úpalavela, Luena Cassonde Ross Guinapo

Administradores não Executivos: Filomeno Jorge Manaças Mateus Francisco dos Santos Júnior



**ANTAS MIGUEL
VALORES COBRADOS SERÃO
INFERIORES AOS ACTUAIS**

À luz do novo sistema, o pagamento do lixo deixa de ser indexado a factura do consumo de energia, adaptando-se a forma específica de cada zona, em função do tipo de ocupação. Os valores a serem cobrados serão inferiores aos actuais



**RECOLHA DE RESÍDUOS
60 MIL MILHÕES DE DÍVIDA**

As empresas de recolha de resíduos sólidos reclamam uma dívida de mais de 60 mil milhões de kwanzas para justificar a não recolha do lixo pelas ruas da capital angolana. Pelo andar das coisas, tudo leva a crer que, até Janeiro do próximo ano, Luanda vai continuar a registar grandes amontoados de lixo

A PARTIR DE JANEIRO

**Novo modelo
de limpeza implementado
de forma gradual**



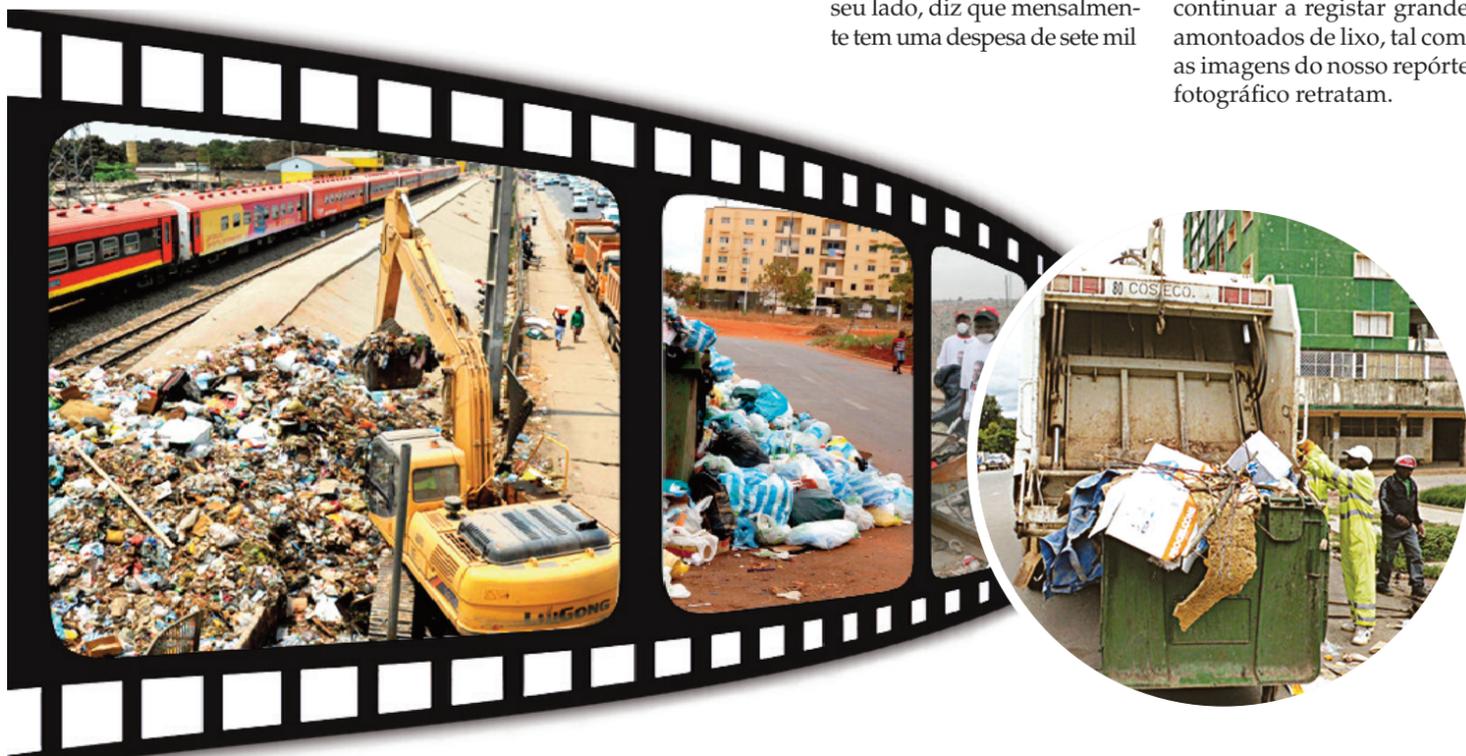
Arcângela Rodrigues
jornal.luanda@edicoesnovembro.co.ao

Os novos modelos de pagamento e recolha de lixo começa a ser implementado a partir do pró-

ximo ano, de forma gradual. À luz do novo sistema, o pagamento do lixo deixa de ser indexado a factura do consumo de energia, adaptando-se a forma específica de cada zona, em função do tipo de ocupação. O assessor do vice-governador de Luanda para a Área Económica, Antas Miguel, garantiu que os va-

lores a serem cobrados serão inferiores aos actuais. As empresas de recolha de resíduos sólidos reclamam uma dívida de mais de 60 mil milhões de kwanzas para justificar a não recolha do lixo pelas ruas da capital angolana. O Governo da Província de Luanda, por seu lado, diz que mensalmente tem uma despesa de sete mil

milhões de kwanzas com a recolha do lixo, valor que não é compensado com arrecadação das taxas de serviço de limpeza, que rondam os 100 milhões de kwanzas mensais. Pelo andar das coisas, tudo leva a crer que, até Janeiro do próximo ano, Luanda vai continuar a registar grandes amontoados de lixo, tal como as imagens do nosso repórter fotográfico retratam.



**A tinta
de caju**

LUCIANO
ROCHA



PICADA DE MARIMBONDO

O Presidente João Lourenço, ao reafirmar, numa conferência de imprensa, em Lisboa, a determinação do combate à corrupção, utilizou uma expressão bem nossa, quando a comparou ao marimbondo, esse bicho cruel, que ainda nos está a ferrar. A maioria dos que o ouviam, não apenas jornalistas de vários países, mas ouvintes e telespectadores das estações de rádio e televisão, certamente desconheciam a palavra, embora figure em alguns dicionários de língua portuguesa, mas rapidamente perceberam que não era nada de bom. Por isso, não nos espantemos se o substantivo passar a fazer parte do vocabulário diário de outros povos, dos políticos ao cidadão comum, quando se referirem às makas de toda a ordem, que não são exclusividade nossa. Eu sei que Portugal tem uma colónia de angolanos significativa, como também é verdade que muitos deles são hoje mais europeus do que angolanos, o que se percebe de certa maneira, ao contrário dos que vivendo aqui na Banda fazem questão de "abafarem" sotaques, que nos caracterizam, num esforço ridículo, que, no fundo, os assemelha aos bonecos usados pelos ventríloquos. João Lourenço, o mais alto magistrado da Nação angolana, não hesitou em utilizar, no estrangeiro, uma palavra bem nossa para definir uma situação e a vontade firme de um povo. Talvez, a partir de agora, os novos assimilados arripiem caminho, percebam que não é por dizerem amendoim, autocarro, pequeno-almoço, imperial, pipiri e tantos outros vocábulos trazidos de curtas férias à Tuga, nem arremedos de pronúncias de países latino-americanos que se tornam importantes. Falem mesmo jinguba, maximbombo, mata-bicho, fino, jindungo. Nem sequer peçam caju, quando querem apenas a castanha deste fruto bom, que deixa marcas para toda a vida, não nos faz esquecer origens, antes nos lembram e orgulham. O Presidente João Lourenço, na visita de três dias que fez a Portugal, terminada no sábado, sossegou eventuais investidores, não escondeu carências que temos, falulhes da Angola nova que a maioria dos seus filhos quer ver, finalmente, erguida. E da picada do marimbondo, que ainda nos está a doer.



VIATURA PRÓPRIA OBJECTOS VALIOSOS

No dia em que mudou de casa, Antónia Mota transportava objectos pequenos e delicados na sua viatura. Saía da casa alugada onde vivia, no bairro Grafanil Bar, em direcção ao condomínio Vida Pacífica



CARLOS NOGUEIRA COMIDA E MATERIAIS DE USO PESSOAL

“É muitíssimo importante fazer uma caixa com as coisas de uso imediato ou com tudo aquilo que iremos precisar ao chegar à nova residência, como a comida e os materiais para a casa de banho”.

HABITAÇÃO

VIGAS DA PURIFICAÇÃO | EDIÇÕES NOVEMBRO

Falta de transporte e bagunça na hora da mudança

Em Luanda, a maioria das pessoas com necessidade de se transferir de uma casa à outra pouco ou nada sabem da existência de empresas de prestação de serviços nas áreas de apoio às mudanças de residências e escritórios



Helma Reis

jornal.luanda@edicoesnovembro.co.ao

Mudar de casa é um drama. Desmontar móveis, encaixotar ou embalar os objectos e identificar as caixas, só de pensar na bagunça, muitos ficam com o “cabelo em pé”, por recearem que alguns bens fiquem dispersos ou destruídos.

No dia em que mudou de casa, Antónia Mota transportava objectos delicados e pequenos na sua viatura. Saía da casa alugada onde vivia, no bairro Grafanil Bar, em direcção ao condomínio Vida Pacífica, no Zango 0, município de Viana.

A mobília e todos os outros objectos de grande porte eram transportados numa carrinha alugada. Antes disso, contactou uma empresa de mudanças que cobrou 300 mil kwanzas para transportar, empacotar, embalar, desmontar

e montar os móveis. Antónia desistiu.

“Está muito caro. Os que têm carrinhas e prestam serviços de aluguer cobram muito menos. E, como qualquer mudança requer sempre a substituição de um ou outro móvel, decidi economizar”, disse. Antónia Mota viveu em vários bairros de Luanda, em casas arrendadas, e tem agora a oportunidade de permanecer mais tempo ou ficar para sempre no condomínio Vida Pacífica, onde adquiriu um apartamento do tipo T3.

Das buscas feitas na Internet, Zélia encontrou na página do OLX várias empresas que actuam nas áreas de apoio às mudanças de residências e escritórios. Ao solicitar as facturas pró-formas ficou admirada com os preços. O valor nunca fica a menos de 300 mil kwanzas.



ALUGUER DE CARRINHAS RISCO NO TRANSPORTE

Os condutores das carrinhas que prestam serviço de aluguer cobram, no mínimo, 25 mil kwanzas pelo transporte de todo o mobiliário de um endereço para outro, contra os cerca de 300 mil cobrados pelas agências, mas têm contra eles um senão: Não assumem os riscos de transportação



DISTÂNCIA PREÇOS VARIADOS

Tendo em conta o volume de bens materiais a serem transportados, o tipo de trabalho e a distância de um ponto da cidade para outro, a empresa Mundis Transport cobra entre 250 a 300 mil kwanzas para a transportação do mobiliário do cliente

“O melhor mesmo é se estabelecer numa casa e evitar fazer mudanças com frequência, porque não é nada fácil mudar de casa”, referiu.

Aflita e sem soluções à vista, Zélia Costa teve de recorrer a Internet para saber quem faz este tipo de trabalho. Ela tinha os dias contados. Precisava mudar-se rapidamente para o apartamento no condomínio Vida Pacífica, cujas chaves recebeu há dias.

Das buscas feitas na Internet, Zélia encontrou na página do OLX várias empresas que actuam nas áreas de apoio às mudanças de residências e escritórios. “Solicitei facturas pró-formas e fiquei admirada com os preços. Não cobram menos de 300 mil kwanzas”, lembrou.

Zélia teve uma ideia e colocou mãos à obra. Passou a recolher caixas vazias em cantinas para empacotar os utensílios de cozinha, enfeites e outros objectos importantes. “Fiquei mais ou menos duas semanas a organizar as coisas. Deu muito trabalho, mas acho que foi melhor assim. Primeiro fiz uma avaliação de tudo quanto pretendia levar e depois comecei a arrumar as coisas”, disse.

Depois de tudo empacotado, Zélia colocou as caixas mais pequenas dentro de alguns baús e alugou uma carrinha de marca Toyota Dina, para transportar os bens.

“Eu e o meu marido supervisionámos tudo que estava a ser colocado na carrinha, para não estragar nada. Mas, mesmo assim, tivemos prejuízos com

“Eu e o meu marido supervisionámos tudo que estava a ser colocado na carrinha, para não estragar nada. Mas, mesmo assim, tivemos prejuízos com uma cómoda e o berço. Infelizmente, as carrinhas que prestam serviços de aluguer não possuem seguros de carga e, por essa razão, os motoristas e os proprietários das mesmas não assumem os prejuízos”

uma cómoda e o berço. Infelizmente, as carrinhas que prestam serviços de aluguer não possuem seguros de carga e, por essa razão, os motoristas e os proprietários das mesmas não assumem os prejuízos”, explicou.

Os condutores das carrinhas que prestam serviços de aluguer cobram, no mínimo, 25 mil kwanzas, pela transportação de todo o mobiliário de um endereço para outro. Em Luanda, a maioria das pessoas com necessidade de se transferir de uma casa à outra pouco ou nada sabem sobre a existência de empresas de prestação de serviços na área de transportes e mudanças de residências e escritórios.

VIGAS DA PURIFICAÇÃO | EDIÇÕES NOVEMBRO

CUSTOS DA TRANSPORTAÇÃO

Tendo em conta o volume de bens materiais ou mobiliários a serem transportados, o tipo de trabalho e a distância de um ponto para outro, o responsável da Mundis Transport, Carlos Nogueira, disse que o valor cobrado pelas empresas de mudanças varia de 250 a 300 mil Kwanzas.

Carlos Nogueira sublinha que, para evitar o stress na hora da mudança é preciso escolher

bem a transportadora. “Isso é fundamental para quem não quer ter dores de cabeça. E, em caso de perdas ou danos nos haveres dos clientes, a empresa contratada deve ser capaz de indemnizar os fregueses”, disse.

Para o gestor da empresa L.Q. Limitada, Joaquim Lúcio, o valor a cobrar dependerá muito do volume de trabalho e da distância. “Aqui os nossos preços vão de 98 a 200 mil Kwanzas”, disse, para

acrescentar que, antes da mudança o cliente pode solicitar que os técnicos da empresa realizem visitas à antiga e à nova casa, no sentido de observarem se será necessário, por exemplo, tirar o arco de uma das portas para fazer passar a geladeira.

“Também arrumamos, encaixotamos, montamos e desmontamos qualquer tipo de mobiliário”, destacou Joaquim Lúcio, o gestor da L.Q. Limitada.

VIGAS DA PURIFICAÇÃO | EDIÇÕES NOVEMBRO



TRANSTORNO Para muitos cidadãos a mudança de casa constitui uma prova de “fogo”

IDENTIFICAR AS CAIXAS

VIGAS DA PURIFICAÇÃO | EDIÇÕES NOVEMBRO



De acordo com Carlos Nogueira, da Mundis Transport, há uma acção simples que pode ajudar a evitar o caos, mas que, infelizmente, muita gente ignora ou esquece de fazer. Explicou que é necessário escrever do lado de fora das caixas o nome do material que se pretende transportar.

Como exemplo, avançou que na caixa onde forem colocadas as chávenas, pratos e talheres deve estar escrito “cozinha”. Segundo o gestor, é muitíssimo importante fazer uma caixa com as coisas de uso imediato ou com tudo aquilo que iremos precisar ao chegar à nova residência,

como a comida e os materiais para a casa de banho.

“É, também, necessário que as pessoas se lembrem sempre de apontar numa agenda os contactos telefónicos mais importantes e úteis, porque os telemóveis podem ficar perdidos no meio da confusão”, alertou.



DESCONFIANÇA O receio de desvio de bens é um sentimento permanente



TRAVESSIA CIDADÃOS PREFEREM ARRISCAR A VIDA

Devido ao mau cheiro e não só, muitos cidadãos preferem arriscar a sua vida entre os carros para chegar ao outro lado da via. Trata-se de uma realidade muito comum, um pouco por toda a cidade de Luanda



STALINE PACHECO PROJECTO “PONTES SAUDÁVEIS”

“O financiamento seria para fazer a manutenção, desde a compra de materiais para a substituição de parafusos ou do piso principal, tinta de protecção, porque muitas já estão em estado avançado de oxidação”

DEGRADADAS E SEM MANUTENÇÃO

PAULO MULAZA | EDIÇÕES NOVEMBRO

Pedonais transformadas em casas de banho a céu aberto

Sujas, malcheirosas, transformadas em latrinas públicas, enferrujadas e em estado avançado de degradação, é assim que se encontram muitas pedonais construídas em Luanda. Este triste cenário faz com que muitos cidadãos evitem fazer a travessia nessas passarelas pedonais, preferindo fazê-lo entre os veículos, colocando as suas vidas em risco

LOCAIS PROIBIDOS

As pedonais de betão da Samba tornaram-se locais proibidos para peões devido ao seu mau estado de conservação. As pessoas evitam fazer a travessia nelas por serem isoladas e malcheirosas. De dia, ainda é possível ver um ou outro a usá-la, mas à noite, ninguém se atreve por causa dos assaltos e violações. “Passar por aqui de noite, nem pensar”, disse um jovem. As duas passagens aéreas da avenida Ho Chi Minh, apesar de limpas e com a pintura intacta, são pouco utilizadas. A pedonal junto a escola Juventude em Luta, nem os estudantes a usam para fazer a travessia. Preferem enfrentar os carros. Uma jovem estudante disse sentir tonturas quando utiliza a passagem aérea. Outros dizem ainda que a pedonal não oferece segurança para travessias.



Nilza Massango
jornal.luanda@edicoesnovembro.co.ao

Sem manutenção e limpeza, as pedonais de metal e de betão foram totalmente abandonadas à própria sorte. Ao longo da avenida Deolinda Rodrigues, também conhecida como Estrada de Catete, foram construídas cerca de 40 pedonais para peões. Três estão desactivadas, 11 sobre o Caminho-de-Ferro de Luanda e 26, entre antigas e novas, na via principal que servem para a travessia de peões, em péssimas condições.

“Eu não atravesso a rua pela passagem aérea, porque está mui-

to suja, com fezes e cheira à urina”, justifica um peão que prefere arriscar a sua vida entre os carros para chegar ao outro lado da avenida Deolinda Rodrigues, nas imediações do supermercado Jumbo.

Nessa pedonal, a sujeira começa à entrada, com fezes ao longo de todo o piso da estrutura e muito lixo ao redor. Pelos cantos e paredes, há marcas de urina e o mau cheiro se espalha aos passeios da redondeza. Muitos peões passam pelo local a correr para não inalar o cheirete.

“Sinceramente, não há quem aguente inalar e ver tanta porcaria junta numa pedonal, todos os dias”, queixa-se um outro peão.

Foi difícil a equipa de reportagem deste jornal permanecer no local, mas o exercício do jornalismo exige de nós sacrifícios para a satisfação dos nossos leitores. Por isso, o nosso repórter fotográfico, com coragem, subiu a pedonal para fazer as imagens que retratam o seu estado avançado de degradação. Apesar da falta de higiene na pedonal do Jumbo, muitas crianças usam o local para brincar, correndo risco de contraírem doenças graves.

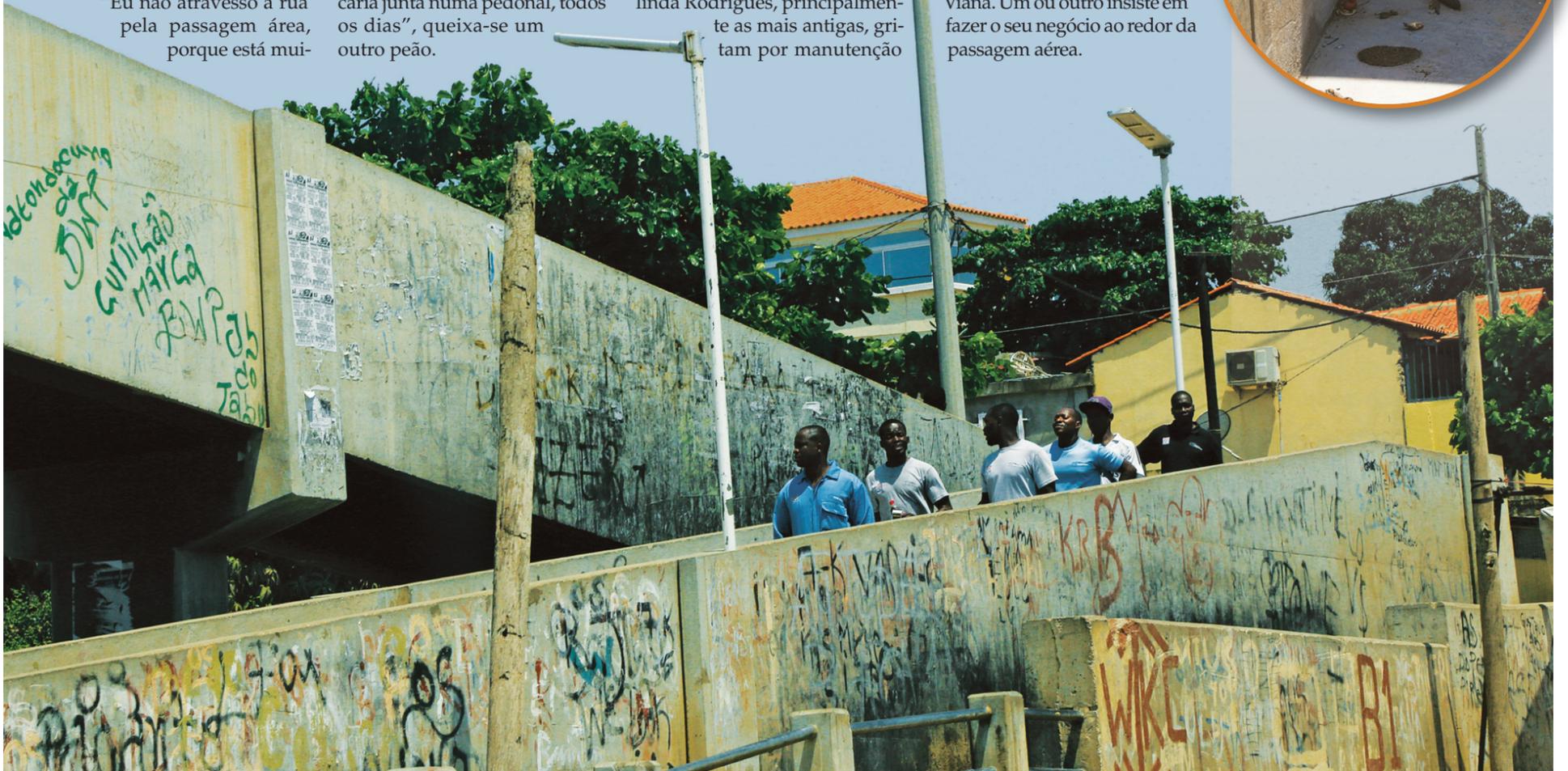
O tempo passa e as passagens aéreas de metal colocadas na avenida Deolinda Rodrigues, principalmente as mais antigas, gritam por manutenção

urgente. Muitas delas pedem nova pintura e outras carecem de limpeza.

A pedonal da zona da BCA é transitável, mas está muito enferrujada. As escadas foram tomadas pela areia e a pintura desapareceu por completo.

A famosa ponte amarela continua amarela. Sem ferrugem, as escadas sem lixo e muito movimentada. Chama atenção aos transeuntes os pequenos farraços pendurados à ponte. A imagem é feia.

A “Operação Resgate” acabou com a venda ambulante nas pedonais de Viana. Um ou outro insiste em fazer o seu negócio ao redor da passagem aérea.





PEDONAL DO JUMBO FALTA DE HIGIENE

A pretexto de estar muito suja, com fezes e cheiro à urina, vários são os peões que se recusam em atravessar pela pedonal localizada nas imediações do supermercado Jumbo. Apesar da falta de higiene, muitas crianças usam o local para brincar



DESGATE DO PISO FALTA DE MANUTENÇÃO

Segundo a avaliação prévia, há pedonais em que parafusos precisam ser apertados ou substituídos urgentemente, lâmpadas com pouca iluminação, esmalte protector de metal em estado avançado de degradação e desgaste do piso principal de várias estruturas

PONTES SAUDÁVEIS

Um grupo de jovens, entre ambientalistas e engenheiros de construção civil, resolveu criar uma empresa exclusivamente para gestão de pedonais aéreas. Desta ideia, que tem como mentor Staline Pacheco, surgiu o projecto "Pontes Saudáveis", com o objectivo de limpar e fazer a manutenção das passagens aéreas de Luanda. Para a concretização do projecto, a empresa precisa da aprovação do Governo da Província de Luanda (GPL) e de um financiamento de cerca de dez milhões de kwanzas. O projecto existe há seis anos e já foi apresentado ao GPL, que até agora, segundo os jovens, não deu nenhuma resposta, apesar de ter considerado "pertinente e bom" para a manutenção das passagens pedonais da capital angolana.

"O financiamento seria para fazer a manutenção, desde a compra de materiais para a substituição de parafusos ou do piso principal, tinta de protecção, porque muitas já estão em estado avançado de oxidação", justificou Staline Pacheco, um jovem historiador de formação, mas com uma vasta experiência na área de construção civil.

Com o projecto aprovado e financiado, Staline Pacheco garante que, em três meses, se faz a manutenção das pedonais em estado crítico de conservação e se adopta um calendário para a manutenção periódica. "A primeira ideia é salvar as pedonais em estado avançado de degradação", disse.

Staline Pacheco afirmou que já teve reuniões com assessores dos anteriores governadores Graciano Domingos e Higinio Carneiro, que remeteram o projecto às administrações municipais. Segundo o jovem, a resposta foi sempre "falta de dinheiro".

O grupo resolveu fazer publicidade sobre as pedonais com a colocação de outdoors, onde empresas podiam divulgar as suas marcas e, assim, dar sustentabilidade ao projecto. Os jovens também buscam parcerias com outras empresas para financiar o projecto.



PAULO MULAZA | EDIÇÕES NOVEMBRO

DEGRADAÇÃO As passagens aéreas de metal colocadas na avenida Deolinda Rodrigues, principalmente as mais antigas, exigem manutenção

Há quatro semanas, Staline Pacheco reuniu com o vice-governador para área Económica, que também alegou falta de dinheiro para levar avante o projecto. "Nessas reuniões com o GPL, em nenhum momento disseram-me que havia alguma entidade ou departamento responsável pela manutenção das pontes", afirmou.

O tempo passa e as passagens aéreas de metal colocadas na avenida Deolinda Rodrigues, principalmente as mais antigas, gritam por manutenção urgente. Muitas delas pedem nova pintura e outras carecem de limpeza. A pedonal da zona da BCA é transitável, mas está muito enferrujada. As escadas foram tomadas pela areia e a pintura desapareceu por completo.



GPL SEM RESPOSTA

O nosso jornal tentou entrar em contacto com o director do Gabinete de Infra-estruturas e Serviços Técnicos do Governo da Província de Luanda, Osvaldo Amaral, para falar sobre o assunto. Ligámos e enviámos mensagens até o fecho dessa edição, mas sem sucesso.



PEDONAIS CRÍTICAS

Depois de uma prévia avaliação, o grupo de jovens aponta as pedonais da avenida Deolinda Rodrigues como aquelas que precisam de uma atenção especial, na medida em que começam a revelar-se um perigo para quem as utiliza.

A pedonal da Ho chi Minh, junto à Faculdade de Arquitectura da Universidade Agostinho Neto, tem a base toda enferrujada e é suportada apenas por uma viga.

Segundo a avaliação prévia, há pedonais em que parafusos precisam ser apertados ou substituídos urgentemente, lâmpadas com pouca iluminação, esmalte protector de metal em estado avançado de degradação e desgaste do piso principal de várias estruturas.

Entre outras questões, o projecto faz referência ainda a falta de acessos nas pedonais para pessoas com deficiência e o facto de algumas serem construídas mas sem nenhuma utilização prática.

centrooptico

Black
FRIDAY

ATÉ
-50%

*Campanha válida nos produtos assinalados nas lojas Centrooptico.
* Não acumulável com outras campanhas e protocolos em vigor.

LOJAS
Zé Pirão | Golfe 2 | Samba | Aeroporto Doméstico | Nova Vida
Viana | Cacucaco | Gamek | Mutamba | Zango | Talatona

WWW.CENTROOPTICOANGOLA.COM | FACEBOOK.COM/CENTROOPTICOANGOLA | 923 400 300

(400.059)

SÁBADOS ACADÉMICOS
ESTUDO, PRODUÇÃO, PROGRESSO

GRANDE FINAL
SÁBADOS ACADÉMICOS 2018
DIA 01 DE DEZEMBRO
NA TENDA DO CCB

**ESTUDANTES DO 2º CICLO E ENSINO MÉDIO
TÉCNICO PROFISSIONAL DE TODO O PAÍS
PARTICIPAM NO CONCURSO QUE PROMOVE
O MÉRITO E VALORIZA O CONHECIMENTO**

**PROJECTO SUCESSO ESCOLAR- MÉRITO ESTUDANTIL
JMPLA-PAZ E PATRIOTISMO RUMO A UM FUTURO MELHOR**

"O maior concurso académico de Angola"

PARTICIPE!

Angola
Nossa Terra Nossa Pátria

(400.092)

centrooptico

Black
FRIDAY

ATÉ
-50%

*Campanha válida nos produtos assinalados nas lojas Centrooptico.
* Não acumulável com outras campanhas e protocolos em vigor.

LOJAS
Zé Pirão | Golfe 2 | Samba | Aeroporto Doméstico | Nova Vida
Viana | Cacucaco | Gamek | Mutamba | Zango | Talatona

WWW.CENTROOPTICOANGOLA.COM | FACEBOOK.COM/CENTROOPTICOANGOLA | 923 400 300

(400.059)

VENTOS DO SUL

JORNAL REGIONAL DA HUÍLA, NAMIBE, CUNENE E CUANDO CUBANGO

O Jornal que aborda o dia-a-dia das Províncias da Huíla, Namibe, Cunene e Cuando Cubango.

Propriedade da



EDIÇÕES NOVEMBRO
Paixão pela imprensa

MLINK

*CUIDAR BEM DOS COMBOIOS
É CUIDAR DE UM BEM QUE TAMBÉM É SEU.*



**NÃO DESTRUA O
QUE É DE TODOS!**
Cuide bem dos comboios.

O Caminho de Ferro de Luanda está a ser modernizado com novas estações, locomotivas mais rápidas e carruagens mais confortáveis. Actualmente, milhares de passageiros já utilizam o comboio para deslocar-se ao trabalho, visitar familiares ou divertir-se com os amigos. Infelizmente, actos de vandalismo estão a destruir este bem público, provocando avarias e sujeiras nas carruagens e também nas estações e via férrea. O comboio é o meio de transporte mais seguro, confortável e acessível a todas as camadas da população. Por isso, não destrua o que é de todos. Cuide bem dos comboios.



(300.015)



PRECARIIDADE ÉPOCA CHUVOSA

A maioria dos sinistrados não foi contemplada no processo de realojamento e, na época chuvosa, como é óbvio, o receio de inundação das casas é maior. Lamentam por continuar a viver em condições precárias



ANGOLANO MANUEL PROCESSO DE REALOJAMENTO

"Algumas famílias foram realojadas nos bairros da Sapú, município de Talatona, Zango II, Viana, e no Panguila, no Bengo. O Governo propôs que, no período de espera, quem tivesse condições podia alugar uma casa ou viver com um familiar próximo"

ONZE ANOS DEPOIS

JOÃO PEDRO | EDIÇÕES NOVEMBRO

Sinistrados do Kalawenda clamam por moradias

Mais de 500 famílias da Zona 19 e do Campo da Poeira, no Distrito Urbano do Kalawenda, município do Cazenga, que viram as residências destruídas na sequência das fortes enchurradas de 22 de Janeiro de 2007, reclamam a entrega das moradias que lhes foi prometida pelas autoridades de Luanda



Manuela Mateus

jornal.luanda@edicoesnovembro.co.ao

O 22 de Janeiro será sempre recordado como um dia de má memória para Domingas Kituxi. No longínquo ano de 2007, ela, as filhas, e outras centenas de famílias foram vítimas de fortes enchurradas que se abateram sobre Luanda. A intensidade da chuva, aliada ao deficiente escoamento das águas pluviais resultou na destruição de centenas de moradias localizadas no distrito. Quando ocorreu a tragédia, Domingas Kituxi residia há apenas três

anos, no Kalawenda. "A força das águas da chuva provocaram enchentes nunca antes vista, com avultados estragos em muitas habitações, que nos forçaram a abandonar as nossas casas", lamentou.

Domingas Kituxi conta que diante do sofrimento dos munícipes, a Administração Municipal do Cazenga decidiu agir. Explicou que a primeira medida foi colocar os sinistrados em tendas montadas num improvisado centro de acolhimento, duas ruas acima do local onde residia.

Meses depois de permanência no centro de acolhimento, abria-se uma luz de esperança

na vida dos sinistrados. Cadastrados por orientação de funcionários afectos à Administração do Município do Cazenga, Domingas Kituxi e companheiros de infortúnio receberam a promessa da cedência de novas moradias. Contudo, decorridos mais de 11 anos, ela e a maioria dos sinistrados reclamam da demora na entrega das moradias.

"Não há meio de nos entregar as casas prometidas, uns tiveram sorte e foram levados daqui, mas nós continuamos na mesma. Viviam com as minhas filhas e tive de deixá-las em casa da minha irmã, porque aqui estamos per-

manentemente em risco de contrair doenças", disse.

Evaristo Kapingala, que integra a lista dos sinistrados, não encontra resposta para o desprezo a que foram remetidos. Afirma que os anos passam, a idade aumenta, a família cresce, mas a promessa continua por cumprir. Por exemplo, declarou que próximo às residências dos sinistrados, onde muitos tiveram de regressar, está agora infestado de insectos e forçados a aguentar os dissabores da bacia de retenção de água que surgiu no local.

"Essa área, em toda a sua extensão, não tem nenhum con-

tentor de lixo e somos obrigados a depositá-lo no chão. Já solicitamos contentores as autoridades competentes, mas não fomos tidos nem achados", lamentou.

Pai de quatro filhos, considera o mais agravante o facto de as crianças transformarem a bacia de retenção de água em espaço de lazer. Movidos pela inocência da idade, nadam e praticam a pesca. Cabisbaixo, Evaristo Kapingala declarou que a informação de que seriam transferidos para o distrito do Zango, em Viana, partiu do então administrador Nataniel Narciso. Mas, garantiu que nem metade do total



**BACIA DE RETENÇÃO
ESPAÇO DE LAZER
PARA CRIANÇAS**

Em toda a extensão da zona onde residem os sinistrados não tem nenhum contentor de lixo. O mais agravante, é o facto de as crianças transformarem a bacia de retenção de água em espaço de lazer



**DOMINGAS KITUXI
ABANDONO DAS CASAS**

“Quando ocorreu a tragédia, residia há apenas três anos, no Kalawenda. A força das águas da chuva provocaram enchentes nunca antes vista em muitas habitações, avultados estragos e, por isso, tivemos de abandonar as nossas casas. Diante do sofrimento dos munícipes a Administração Municipal do Cazenga decidiu agir”.

dos sinistrados beneficiou do realojamento.

“Muitos que foram realojados nem sequer faziam parte da lista das pessoas cadastradas. Peço às autoridades que se dignem ouvir o clamor dos lesados e atribuir as casas que foram prometidas a quem realmente merece”, disse visivelmente indignado.

Embora tenha sido o responsável pela elaboração da lista dos cadastrados, Angolano Manuel tem dificuldades em perceber o motivo que o levou a ficar de fora da lista dos beneficiários.

“Eu cadastrei todos deste bairro e era o número 11 da lista, como é possível hoje estar de fora?, interrogou-se, sublinhando que após concluir que a questão não estava a ser resolvida decidiu regressar à sua antiga moradia.

Além de manifestar que a esperança se mantém viva, Angolano Manuel mostrou-se desapontado com o realojamento de pessoas aos quais acusou de “infiltradas”.

“A maioria dos sinistrados não foi contemplada no realojamento. Estamos na época chuvosa e, como é óbvio, o receio de inundação das casas é maior. Infelizmente, continuamos a viver em condições precárias, com a lagoa por perto e outras aspectos menos bom que perigam a nossa saúde e bem-estar”, frisou.

“A primeira medida foi colocar os sinistrados em tendas montadas num improvisado centro de acolhimento. Não há meio de nos entregar as casas prometidas, uns tiveram sorte e foram levados daqui, mas nós continuamos na mesma. Vivia com as minhas filhas e tive de deixá-las em casa da minha irmã, porque aqui estamos permanentemente em risco de contrair doenças”

CENTRO DE ACOLHIMENTO

CRIADO COM O PROPÓSITO de acolher os sinistrados, enquanto eram criadas as condições de habitabilidade em casas que estavam em construção no distrito, o Centro de Acolhimento dos Sinistrados do Kalawenda foi desactivado há mais de cinco anos. O então secretário do centro, Paixão Manuel, informou que o espaço chegou a acolher perto de 778 famílias da calamidade que afectou o Cazenga, em Janeiro de 2007.

Paixão Manuel informou também que foi tomada a decisão de seleccionar 10 pessoas em cada tenda. Entretanto, por razões perfeitamente compreensíveis, algumas famílias decidiram abandonar o centro de acolhimento, aguardando de fora a promessa de entrega de nova moradia.

Antes de ser desactivado, a Administração Municipal do Cazenga e outros órgãos do Estado conseguiram realojar 213 famílias. As restantes 565 foram colocadas em lista

de espera, e aguardar pela segunda fase do processo de realojamento ou de transferência para o Zango.

“Algumas das famílias realojadas foram distribuídas nos bairros da Sapú, município de Talatona, Zango II, município de Viana, e no Panguila, província do Bengo. Os órgãos do Governo nos propuseram que no período de espera quem tivesse condições podia alugar uma casa ou viver com um familiar próximo”, disse.

Paixão Manuel realçou que o Programa de Habitação Social emitiu o despacho para realojar essas famílias, no dia 26 de Agosto de 2013, mas só o administrador cessante do município do Cazenga, Nataniel Narciso, pode explicar o porquê que não entregou as casas aos sinistrados.

“Os documentos são a prova de que o antigo administrador municipal agiu de má fé”, declarou.

Inconformado, Paixão Manuel garantiu ter recorrido à Administração do Cazenga para agilizar o processo, mas não obteve êxito. Tentou, igualmente, junto o gabinete jurídico do Governo da Província de Luanda e até ao momento não obteve qualquer resposta.

João Charula, que exerceu a função de director do Centro de Acolhimento dos Sinistrados do Kalawenda, fez saber que além das 565 famílias desalojadas, há ainda o registo de 320 casas em situação de abandono.

“Por não reunir condições de habitabilidade, alguns munícipes abandonaram definitivamente as casas. Ao longo da área em referência são agora visíveis as bacias de retenção da zonas da Gamek e BCA, que já causaram a morte de algumas de crianças”, concluiu.

MM

JOÃO PEDRO | EDIÇÕES NOVEMBRO



REGISTO Onze anos decorridos da tragédia que destruiu centenas de casas no Kalawenda a maioria das vítimas aguarda a promessa de realojamento

MAIS DE 11 ANOS À ESPERA

JOSEFA GOMES KAPITANGO reside há 22 anos com os filhos na Zona 19, no Kalawenda. Recordou que o bairro Campo da Poeira não tinha o registo tão elevado de moradores e tão pouco bacias de retenção de águas. Motivados por este último aspecto, no mês passado, Josefa Gomes Kapitango explicou que a administração recorreu a uma electro bomba e um gerador para retirar parte da água concentrada na rua.

“A nossa esperança é que ao menos retirem esta água já que até agora aguardamos pela transferência”, lamentou.

Por sua vez, Angolano Manuel aguarda há anos por es-

clarecimentos dos responsáveis da administração municipal em relação a situação dos sinistrados.

Referiu que tem ouvido amiúde que os todos os sinistrados do Kalawenda foram realojados e, por isso, contrapõe: “Não condiz com a verdade. Devido a nossa insistência, o antigo administrador comunal do Kalawenda, Ferreira Neto, informou-nos, diante de todos, que devíamos esperar. É o que temos feito até hoje”.

SILÊNCIO INSTITUCIONAL

Dada a incerteza à volta do processo de realojamento e, por conseguinte, das reclamações dos sinistrados do Ka-

lawenda, o *Luanda, Jornal Metropolitano*, enviou, há uma semana, pedido de esclarecimento sobre o assunto aos administradores do município do Cazenga, e dos distritos do Kalawenda e do Zango. No documento, também ficou aberta a possibilidade de os governantes indicarem alguém para os substituir.

O objectivo era a obtenção de informações fidedignas sobre o processo de realojamento. O jornal aguardou pelas respostas, que, entretanto, nunca chegaram. Infelizmente, até ao dia do fecho desta edição, o silêncio foi a atitude mais esclarecedora.

MM

ANUNCIE NAS NOSSAS PUBLICAÇÕES



SEDE:

Edições Novembro, E.P.
 Rua Rainha Ginga, 12-26 Caixa Postal 1312 Luanda Telefone (PBX): +244 222 036578 | +244 222 036579 |
 Móvel 949 770006 Telegramas: Proangola
 www.edicoesnovembro.co.ao

PUBLICIDADE

Telefones: 926 406 929 / 925 134 301 / 923 409 613, e-mail: publicidade@jornaldeangola.com

HORÁRIO DE ATENDIMENTO

SEGUNDA A SEXTA-FEIRA DAS 8H ÀS 18H
 SÁBADO, DOMINGO E FERIADOS: DAS 9H ÀS 14H



EDIÇÕES NOVEMBRO

Paixão pela imprensa



**ISABEL GASPAR
SEGURANÇA E ÉTICA**

“É um problema difícil, principalmente para quem trabalha e quer cumprir os horários. Em Luanda, é duro depender dos transportes públicos. Um outro problema é a segurança e ética dentro dos autocarros, a pessoa não se sente segura. Seria bom que houvesse também um processo de sensibilização dirigido aos utentes”.



**ABÍLIO OSVALDO
ACESSO ÀS PERIFÉRIAS**

“Acho que os autocarros são fundamentais na mobilidade dos cidadãos, mas deixaram de cobrir a demanda e se tornaram ineficientes. Há bastante tempo que não faço uso dos autocarros. Penso que seria bem-vindo, principalmente para os alunos, se tivéssemos autocarros a circular em pontos que facilitassem o acesso às periferias”.

SERVIÇO DE TRANSPORTE PÚBLICO

FRANCISCO BERNARDO | EDIÇÕES NOVEMBRO



Superlotação e desconforto entre as principais queixas dos utentes

Há vários anos que a oferta do serviço de transporte público na província de Luanda se revela ineficaz face a demanda de utentes. A nível dos órgãos do sector dos Transportes, várias soluções já foram ensaiadas para melhorar a qualidade, quer seja dos transportes terrestres, ferroviários, como marítimos, mas, entretanto, os proble-

mas se repetem. Apesar de boa parte dos cidadãos optar pelos transportes públicos, por conta dos preços, os táxis colectivos de passageiros, “vulgo candongueiros” têm sido uma alternativa, sobretudo para os trabalhadores e estudantes. Todavia, apesar da sua componente privada, estes oferecem os mesmos constrangimentos enfrentados, principalmente, nos autocarros e com-

boios. No mês de Junho, aquando da tomada de posse do novo ministro dos Transportes, Ricardo de Abreu, no salão nobre do Palácio Presidencial da Cidade Alta, o Presidente da República João Lourenço, lembrou que as soluções encontradas até aqui ao nível do sector para debelar o défice nos transportes públicos se revelaram insuficientes e pouco eficazes.

O Chefe de Estado insistiu na necessidade de se encontrarem outras soluções que garantam maior rapidez e fluidez no transporte de passageiros, sublinhando que deve haver, também, transportes públicos com melhores condições de comodidade e que sirvam melhor o interesse público, com realce para Luanda, uma cidade com cerca de nove milhões de habitantes.

Ouvidos a propósito do tema, os entrevistados do *Luanda, Journal Metropolitano* colocam a escassez, superlotação, correria, empurrões e o desconforto na lista dos principais problemas que marcam, diariamente, a rotina dos utentes de transportes públicos na capital do país. Eis o essencial dos depoimentos.

MATADI MAKOLA



Domingos Simão
“Mais autocarros”

“Com a “Operação Resgate”, os “candongueiros” estão cada vez mais difíceis. Muitas vezes a pessoa é obrigada a suportar os empurrões, a arrogância e subida desregrada dos preços por falta de alternativa. É necessário que se reveja a situação”



António Domingos
“Gastos acrescidos”

“Há muito tempo que prefiro gastar um pouco mais do que sofrer nas paragens. Os autocarros e os comboios estão quase sempre superlotados e sem conforto. As autoridades têm a obrigação de melhorar a qualidade destes serviços”.



Moisés Emílio
“Não satisfazem”

“Os transportes públicos não satisfazem e basta ver as correrias diárias que os utentes enfrentam. Além das enchentes, tem vezes que somos obrigados a esperar mais de uma hora pelo autocarro. Isso desgasta qualquer um”.



Maria Tiago
“Imagem desagradável”

“Sou estudante e, mesmo quando tenho possibilidade, prefiro ir a pé à escola do que fazer uso dos autocarros ou outro transporte público. Habitualmente, os autocarros circulam superlotados e passam uma imagem desagradável.



Daniel Kalip
“À margem de muitos cidadãos”

“Faz tempo que os transportes públicos deixaram de fazer parte do quotidiano de muitos cidadãos. Acho que Executivo deveria colocar à disposição muito mais autocarros e aumentar também os pontos de partida e chegada.

SEJA UM BOM CIDADÃO MANTER A CIDADE LIMPA É FIXE

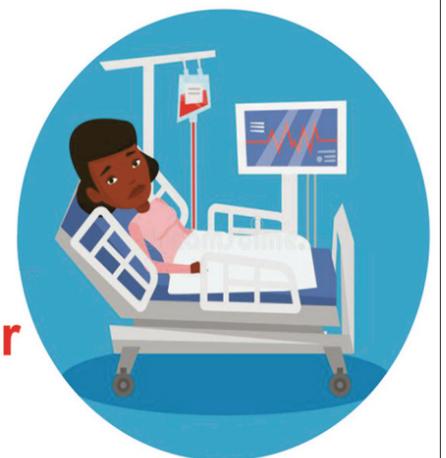
Não atire papéis, latas, garrafas, plásticos e outros objectos para o chão nem os deite fora pela janela das viaturas.



Deite o lixo sempre num contentor, dentro de um saco fechado.



O lixo que não é colocado no local correcto pode contribuir para disseminar muitas doenças, como paludismo, febre tifóide e diarreia



CONTRIBUA PARA FAZER DE LUANDA UM LUGAR MELHOR PARA SE VIVER.


elisal

Empresa de Limpeza e Saneamento de Luanda



**CLÁUDIO DE CARVALHO
GESTÃO DE TERRENOS**

“O Estado deve deixar a gestão dos terrenos infra-estruturados para evitar os episódios registados em Viana, onde a Administração Municipal foi forçada a destruir casas de cidadãos autorizados pela própria administração”



**CLEBER CORREA
SECTOR PRIVADO
ALAVANCA A ECONOMIA**

“O desenvolvimento de um país não se faz com a participação directa do Estado. É o sector privado que alavanca a economia de um país. Em países onde o sector imobiliário deu certo, foi porque os privados estiveram na origem deste sucesso”

COMERCIALIZAÇÃO

EDUARDO PEDRO | EDIÇÕES NOVEMBRO

Imobiliárias contra a venda de terrenos pelo Estado

Uma grande polémica parece se ter instalado à volta da gestão e comercialização dos terrenos infra-estruturados. Estado e as imobiliárias estão de costas viradas em relação a quem deve comercializar estes espaços. As imobiliárias defendem que é da sua responsabilidade a venda dos terrenos e a Empresa Gestora de Terrenos Infra-estruturados (EGTI) puxa a “brasa” para a sua sardinha



António Pimenta
jornal.luanda@edicoesnovembro.co.ao

Criada através do Decreto Presidencial 58/15, de 5 de Março, a Empresa Gestora de Terrenos Infra-estruturados (EGTI) tem direitos para comercializar e regularizar os direitos fundiários e, em alguns casos específicos, a infra-estruturação de terrenos. Mas algumas imobiliárias defendem que não é responsabilidade do Estado vender terrenos e exigem a revisão dos estatutos da EGTI.

Na opinião destes, o Estado não pode agir como árbitro e jogador ao mesmo tempo, sob pena de inflacionar os preços no mercado imobiliário. “Em nenhuma parte do mundo, o Estado vende terrenos. Não é sua missão. Cabe ao Estado criar e gerir políticas de desenvolvimento e nunca funcionar como um mero comerciante”, sustentam os empresários.

As imobiliárias reagem a entrevista que o presidente do Conselho de Administração da EGTI, Rodrigo dos Santos, concedeu a este jornal, na edição número 35, de 15 de Outubro, onde justificou o controlo das vendas dos terrenos infra-estruturados, sustentando que até a sua criação, o Estado funcionava apenas como mero espectador de todas as transacções de terrenos no

mercado imobiliário. “Ao Estado, era reservado apenas o papel de autoridade concedente”, afirmou na altura.

Sem revelar se é contra ou a favor da gestão da EGTI, o director da Proimóvel afirmou que o desenvolvimento de um país não se faz com a participação directa do Estado. “É o sector privado que alavanca a economia de um país. Em países onde o sector imobiliário deu certo, foi porque os privados estiveram na origem deste sucesso”, frisou Cleber Correa.

Contrariamente ao que defendem alguns empresários do sector imobiliário, a direcção da Proimóvel considera “mais acessíveis” os preços praticados pela EGTI. Segundo esclarece, a regulação dos preços não se faz por decreto. “É a oferta que regula os preços no mercado. O que o Estado precisa fazer é infra-estruturar mais terrenos para pôr o privado a produzir”, adiantou.

“É INCORRECTO O ESTADO CRIAR INSTITUIÇÕES INTERMÉDIAS”

Uma fonte, que falou ao nosso jornal na condição de anonimato, afirma que seria injusto considerar que os preços praticados pela EGTI estejam a inflacionar o mercado imobiliário. Para ele, pensar assim seria crucificar a EGTI.

“É a lei da procura e oferta que influencia o valor do mercado, isso em primeira instância. Em segundo,

o próprio custo da construção”, lembrou a nossa fonte, para quem é “incorrecto o Estado criar instituições intermédias para diluir as verbas pelo caminho”.

“Temos no Ministério das Finanças instituições para vender, e no Ministério do Ordenamento do Território e Habitação, para infra-estruturar os terrenos. O que precisamos, neste momento, é que o Estado decida infra-estruturar os terrenos priorizando, na sua distribuição, as pessoas mais necessitadas. Ou seja, potencializar a auto-construção, aproveitando os melhores terrenos na cidade para fazer os leilões directos aos privados e aproveitar os recursos arrecadados para o investimento em outras áreas de desenvolvimento habitacional a baixo custo”, afirmou a nossa fonte.

Ainda assim, Cláudio de Carvalho, empresário e avalista imobiliário, é de opinião que o plano de negócios da EGTI foi colocado numa fasquia muito alta do valor do terreno, o que desencoraja a compra aos agentes imobiliários.

Para Cláudio de Carvalho, o Estado deve deixar a gestão dos terrenos infra-estruturados para evitar os episódios registados em Viana, onde a Administração Municipal foi forçada a destruir casas de cidadãos autorizados pela própria administração.

“As administrações só tomam conhecimento da venda dos terrenos por altura da legalização dos espaços adquiridos”

INTERESSES INCONFESSOS

Os mais críticos consideraram que a EGTI foi criada para proteger os interesses inconfessos de alguma elite política do país. “Muitos dos nossos políticos adquiriram esses terrenos a preço zero na perspectiva de os revenderem, posteriormente, a preços altamente especulativos, como acontecia até bem pouco tempo, onde os preços dos terrenos chegavam a atingir, em muitos casos, as centenas de milhares de dólares”, afirmam. O director da Proimóvel minimizou o assunto afirmando que o Estado pode, se quiser, resolver esse problema com muita facilidade, bastando para efeito cobrar as taxas sobre os espaços

ocupados.

Entretanto e apesar das boas intenções que podem ter movido a criação desta empresa, a EGTI deixa subjacente, alguns conflitos de interesses nas suas relações com as administrações municipais, na qualidade de responsáveis pelas políticas de desenvolvimento urbano nas suas áreas de jurisdição.

As nossas fontes revelam que não existe uma relação de facto entre a EGTI e as administrações Municipais. “As administrações só tomam conhecimento da venda dos terrenos por altura da legalização dos espaços adquiridos”, revelam fontes das administrações municipais. **AP**



FINANCIAMENTOS BANCOS EXIGEM GARANTIAS

A ausência de financiamento dos bancos, torna praticamente impossível implementar projectos imobiliários. Quem vai comprar uma casa, precisa de crédito bancário, mas as exigências não estão ao alcance de todos



MERCADO IMOBILIÁRIO PAPEL DO ESTADO

"O Estado deve definir, dirigir, orientar e fiscalizar o funcionamento do sector imobiliário, deixando para os promotores a venda dos terrenos infra-estruturados. É assim que as coisas funcionam em qualquer parte do mundo. O Estado cria e os promotores promovem as vendas"

TERRENOS INFRA-ESTRUTURADOS

"EGTI pratica preços especulativos e afugenta os clientes"



JOSÉ COLA | EDIÇÕES NOVEMBRO

Massada Culembele acusa a Empresa Gestora de Terrenos infra-estruturados (EGTI) de inflacionar os preços dos terrenos em Luanda. "Com os preços praticados, actualmente, fica difícil para qualquer agente imobiliário vender o imóvel, depois de construir a habitação", disse. O especialista em gestão imobiliária considera que, em Luanda, não existem terrenos infra-estruturados. "Terrenos infra-estruturados são espaços preparados para a construção de imóveis, que contam já com serviços de água, energia, comunicações, loteamento, licença de tapume e construção, ruas asfaltadas, entre outros. Em Luanda, temos, sim, áreas com vias de acesso e linhas de transporte de água e energia, que não são propriamente terrenos infra-estruturados", argumentou.

António Pimenta

jornal.luanda@edicoesnovembro.co.ao

Como avalia o estado actual do mercado imobiliário, em Luanda?

O mercado imobiliário em Luanda está mal. A ausência de financiamento dos bancos, torna praticamente impossível implementar projectos imobiliários. Quem vai comprar uma casa, precisa recorrer ao crédito bancário e o banco, por sua vez, exige garantias que o cidadão não tem.

O que são terrenos infra-estruturados?

Terrenos infra-estruturados são espaços preparados para a construção de imóveis, que contam já com serviços de água, energia, comunicações, loteamento, licença de tapume e construção, ruas asfaltadas, entre outros. Em Luanda e, em Angola, não existem

terrenos infra-estruturados. Temos, sim, áreas com vias de acesso e linhas de transporte de água e energia, que não são propriamente terrenos infra-estruturados. A única empresa que fez a infra-estruturação de terreno foi a Sociedade de Desenvolvimento Imobiliário (SODIMO). Possui um projecto, localizado na nova Marginal, que pode ser considerado um exemplo de terreno infra-estruturado. Quando se fala em terrenos infra-estruturados, inclui-se, entre outros itens, a documentação para a construção do imóvel, como a licenças de construção, loteamento e tapume.

A Empresa Gestora de Terrenos Infra-estruturados (EGTI) gere terrenos infra-estruturados?

Quando alguém compra um terreno infra-estruturado, já não precisa de arquitecto para fazer o pro-

jecto da sua casa. A entidade gestora disponibiliza a planta do projecto e o padrão de casa que, em princípio, deverá construir. Qualquer alteração ao projecto deve ser solicitada com antecedência a entidade gestora dos terrenos.

Como avalia o papel da EGTI?

A EGTI é uma empresa criada pelo Estado e, como tal, devemos respeitá-la. Apesar de haver um diploma legal que autoriza a EGTI vender os terrenos infra-estruturados, acho que essa não deveria ser a sua missão. No ramo imobiliário, a comercialização dos terrenos deve ser atribuída aos promotores e agentes imobiliários. O Estado faz a infra-estruturação e entrega esses espaços aos agentes imobiliários.

Pode se explicar melhor?

O Estado não pode concorrer com

"Pessoalmente, considero uma aventura um promotor comprar terrenos a 214 dólares, o metro quadrado. A EGTI tem que entender que já passou o tempo das vaca gordas. Com 214 dólares, o metro quadrado, é praticamente impossível impulsionar o mercado imobiliário, principalmente em Luanda, onde se encontra parcialmente paralisado. No contexto actual, não podemos continuar a pensar na construção de casas para vender ao preço de quatro ou cinco milhões de dólares. Precisamos pensar no bolso dos angolanos, que não dispõem de recursos para pagar uma casa acima dos 40 milhões de kwanzas. Nenhum promotor consegue vender a casa a este valor"



ZANGO
CUSTO DE CONSTRUÇÃO

"No contexto actual, os projectos do Zango são os únicos do mercado imobiliário que ainda funcionam devido aos preços de oferta, considerados mais baixos. A construção de uma casa no Zango fica orçada em um milhão e 500 mil kwanzas"



MASSADA CALUMBELE
PREÇOS DESENCORAJAM IMOBILIÁRIAS

"São altamente especulativos os preços praticados pela EGTI para a venda dos terrenos e a impressão com que ficamos é que pretendem, com esses preços, enriquecer uma casta de cidadãos. Cerca de 214 dólares, por metro quadrado, são os preços praticados para a compra de terrenos infra-estruturados no Camama e Kilamba."

os promotores imobiliários. O Estado deve definir, dirigir, orientar e fiscalizar o funcionamento do sector imobiliário, deixando para os promotores a venda dos terrenos infra-estruturados. É assim que as coisas funcionam em qualquer parte do mundo. O Estado cria as linhas de acesso e os promotores compram e promovem a venda dos terrenos.

O Estado, ao criar a EGTI, visou acabar com a especulação no sector imobiliário?

Isso não lhe atribui direitos de vender terras. Mais grave que isso são os preços praticados que acabam por afugentar os clientes. Com os preços actuais, é muito difícil para um agente imobiliário vender o imóvel, depois de concluídas as obras.

Considera exorbitantes os preços praticados pela EGTI?

São altamente especulativos. A impressão com que ficamos é que pretendem, com esses preços, enriquecer uma casta de cidadãos.

Quanto fica o metro quadrado?

Cerca de 214 dólares, por metro quadrado, nas centralidades do Camama e Kilamba.

A EGTI diz serem os preços do mercado?

Em nenhum país do Mundo, o agente imobiliário paga 214 dólares por metro quadrado. Por causa disso, em Luanda, nenhum agente aceita pagar estes valores para aquisição de terrenos. A fixação de preços não pode ser feita de forma leviana. Existem critérios para a fixação de preços. O preço de um terreno de 20/30 infra-estruturado, não pode ser o mesmo de um lote de terreno como aqueles comercializados no Camama e Kilamba.

Qual seria o preço ideal para a venda dos terrenos infra-estruturados?

O ideal seria 12 dólares por metro quadrado. Mas tendo em conta outras envolventes que caracterizam esse tipo de negócios, 20 dólares seria o máximo que o Estado deveria cobrar por metro quadrado, incluindo os documentos.

Desaconselha a compra de terrenos aos preços praticados pela EGTI?

Pessoalmente, considero uma aventura um promotor comprar terrenos a 214 dólares, o metro quadrado. A EGTI tem que entender que já passou o tempo das vacas gordas. Com 214 dólares, o metro quadrado, é praticamente impossível impulsionar o mercado imobiliário, principalmente em Luanda, onde se encontra parcialmente paralisado. No contexto actual, não podemos continuar a pensar na construção de casas para vender ao preço de quatro ou cinco milhões de



CONTREIRAS PIPA | EDIÇÕES NOVEMBRO

ORDENAMENTO Especialista discorda da gestão e comercialização dos espaços infra-estruturados por empresas criadas pelo Estado

dólares. Precisamos pensar no bolso dos angolanos, que não dispõem de recursos para pagar uma casa acima dos 40 milhões de kwanzas. Nenhum promotor consegue vender a casa a este valor. Devemos optar por casas de baixa ou média renda como as do Zango, mas bem feitas.

Essas são facil de vender?

Os projectos do Zango são os únicos do mercado imobiliário que ainda funcionam devido os preços de oferta, considerados mais baixos. A construção de uma casa no Zango fica orçada em um milhão e 500 mil, que posteriormente pode ser comercializada a

dois milhões e 600 mil kwanzas.

Houve alguma transparência no processo de cedência de espaços de terra?

A cedência de espaços no projecto Camama foi feita de forma aleatória, beneficiando, na sua maioria, pessoas que eu chamo de verdadeiros players do mercado. Os ditos agentes imobiliários conseguiram os terrenos através de influências políticas, para depois revenderem a preços altamente especulativos. O Jardim de Rosas foi dos poucos projectos que teve pernas para andar, porque foi o único autorizado para a construção de moradias e residências.

Aos restantes foi-lhes atribuído licenças para a construção, pura e simplesmente, de edifícios.

Quer dizer que reprova a gestão pela EGTI dos terrenos infra-estruturados em Luanda?

Se fosse só a gestão não haveria problemas, mas as coisas mudam quando a EGTI aparece a fazer a comercialização dos espaços infra-estruturados.

Alguma razão especial para essa contestação?

Em nenhuma parte do mundo o Estado aparece como comerciante ou retalhista. O Estado cria as politica e deixa a gestão aos agen-

tes privados. Foi assim que os mercados imobiliários evoluíram em todo o mundo.

Os agentes imobiliários reclamam falta de oportunidades na compra de terrenos infra-estruturados, mas a EGTI diz que os espaços estão a disposição de todos?

Eu para construir um projecto habitacional tenho que fazer cálculos. Comprar o metro quadrado a 214 ou a 90 dólares inflaciona os custos de construção. O agente Imobiliário não pode se a aventurar a comprar um terreno e depois não conseguir vender as casas que constrói.

"Terrenos infra-estruturados são espaços preparados para a construção de imóveis, que contam já com serviços de água, energia, comunicações, loteamento, licença de tapume e construção, ruas asfaltadas, entre outros. Em Luanda e, em Angola, não existem terrenos infra-estruturados. Temos, sim, áreas com vias de acesso e linhas de transporte de água e energia, que não são propriamente terrenos infra-estruturados"





INVESTIGAÇÃO REAIS MOTIVAÇÕES

O advogado alega que os crimes pelos quais os seus constituintes foram condenados requeriam algum cuidado que não foi tido em conta durante a investigação criminal e a fase da instrução preparatória. Para o causídico, o SIC e o Ministério Público não foram suficientemente profundos no esclarecimento do duplo assassinato



MENEZES MADUREIRA HÁ UM MANDANTE

“Não é comum nos crimes de roubo de viaturas ter um desfecho semelhante, ou seja, assassinato. Antes deste assalto, que vitimou os dois jovens, os meus constituintes já haviam roubado uma viatura de marca RAV-4 e não houve mortes. Houve um mandante, mas não ficou esclarecido”

CASO “BEATRIZ E JOMANCE”

“Houve pressa em condenar os réus”

Duas semanas depois do Tribunal Municipal de Viana ter condenado os autores do assassinato de Beatriz Fernandes e Jomance Muxito a penas que vão de quatro a 24 anos prisão, publicamos as declarações, em exclusivo a este jornal, do advogado de defesa dos réus condenados, que reafirma que houve um mandante para o cometimento do crime

EDIÇÕES NOVEMBRO

Yara Simão

jornal.luanda@edicoesnovembro.co.ao

O advogado de defesa dos réus condenados a penas de quatro a 24 anos de prisão pelo assassinato da apresentadora da Televisão Pública de Angola (TPA) Beatriz Fernandes e Jomance Muxito considera que houve pressa em ditar a sentença, pelo facto de uma das vítimas ser figura pública.

Menezes Madureira alega que os crimes pelos quais os seus constituintes foram condenados requeriam algum cuidado que não foi tido em conta durante a investigação criminal e a fase da instrução preparatória. Para o causídico, o Serviço de Investigação Criminal (SIC) e o Ministério Público não foram suficientemente profundos no esclarecimento das reais motivações do duplo homicídio.

“Não é comum nos crimes de roubo de viaturas haver um desfecho semelhante, ou seja, assassinato. Antes deste assalto, que vitimou os dois jovens, os meus constituintes já haviam roubado uma viatura de marca RAV-4 e não houve mortes. Houve um mandante, mas não ficou esclarecido”, explicou, acrescentado que em caso de dúvidas, a decisão deve ser a favor dos acusados.

A investigação, continuou o advogado, ficou, até certo ponto, fragilizada, porque teve como mote do crime o roubo da viatura, seguido de morte, descurando questões passionais.

“Houve duas vítimas mortais, sendo que uma tinha problemas no relacionamento anterior que não ficaram esclarecidos. Isto poderia nos levar ao autor moral deste crime”, frisou.

Alegando confidencialidade entre advogado e clientes, Menezes Madureira não revelou se algum dos réus lhe havia confirmado a existência de um mandante para o cometimento do hediondo crime. Para justificar a sua tese, apontou como exemplo a separação, mal resolvida, de Beatriz Fernandes do seu esposo José Kipanda e o facto de dois dos condenados serem vizinhos do tio do viúvo no bairro Zango.

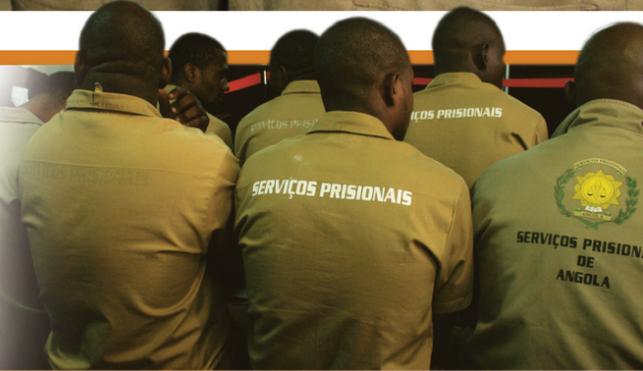
“É um conjunto de exemplos que deveriam ser bem esclarecidos nos autos. Quem lucra com estas mortes? É de conhecimento geral que os crimes passionais são carregados de ódio e raiva. E esse crime não foge à regra”, argumentou.

O Tribunal Municipal de Viana condenou, no passado dia 9 de Novembro, Guelor Kilumbo e Ambrósio Kitoko a 24 anos de prisão. Já Marciano Eduardo e João Keto vão passar 23 anos na cadeia. Adilson Gomes



vai cumprir 16 anos de cadeia, enquanto o seu irmão Cristiano Gomes, por ser menor quando ocorreu o crime, foi condenado a oito anos. Wilson Miranda, por sua vez, recebeu uma sentença de nove anos de prisão. Já Paulo Mukoco foi condenado a quatro anos de cadeia. Os restantes três membros do grupo, nomeadamente Makala Lubamza, Landu Kifuady e Ndeco NZinga foram absolvidos por falta de provas.

Houve duas vítimas mortais, sendo que uma tinha problemas no relacionamento anterior que não ficaram esclarecidos





**ANTÓNIA NELUMBA
PARTICIPAÇÃO
ACTIVA DOS MUNICÍPES**

"O cidadão só poderá exercer a actividade na circunscricção onde foi credenciado. É necessário organizar o sector comercial, mas para que isso aconteça é preciso a participação activa dos munícipes".



**VENDA AMBULANTE
APOIO E ORGANIZAÇÃO**

Durante o acto oficial de entrega de cartões para vendedores ambulantes, Júlio Bessa reafirmou ser um dever do Governo da Província de Luanda (GPL) cuidar da organização dos mercados e da pequena economia local, de modo a proteger os vendedores.

ACTIVIDADE COMERCIAL

Adalberto Ceita

jornal.luanda@edicoesnovembro.co.ao

Cartões para ambulantes estimulam a venda organizada

A primeira fase do processo de legalização do comércio informal, na província de Luanda, permitiu credenciar até 14 de Novembro aproximadamente 850 cidadãos com cartões de vendedores ambulantes, revelou ao *Luanda, Jornal Metropolitano*, o director do Gabinete Provincial do Comércio, Indústria e Recursos Minerais, José "Zeca" Moreno. Deste número, o município de Viana, com 290 cartões emitidos, lidera a lista.

Durante o acto oficial de entrega do documento, Júlio Bessa reafirmou ser um dever do Governo da Província de Luanda (GPL) cuidar da organização dos mercados e da pequena economia local, de modo a proteger os vendedores.

"Vamos continuar do lado daqueles que cumprirem a lei e apelamos àqueles que ainda não aderiram ao processo de credenciamento, que se inscrevam, para que futuramente possam desenvolver de forma legal as actividades comerciais", disse na ocasião o vice-governador de Luanda.

Presente no acto, a presidente da Comissão Administrativa da Cidade de Luanda (CACL), Antónia Nelumba, informou que o processo de legalização dos vendedores ambulantes decorre em todos os municípios e distritos urbanos da cidade de Luanda, devendo para o efeito os interessados fazer o registo.

Numa segunda fase, anunciou, serão credenciadas as quitandeiras que exercem as actividades dentro dos mercados locais. "Estou feliz porque com o cartão de ambulante acabaram os incómodos, não terei mais problemas com os fiscais que me atormentavam dia e noite", exprimiu em tom de alegria Tânia Maria, vendedora de refeições, pouco depois de receber o documento das mãos do vice-governador Júlio Bessa.

Emocionada, garantiu cumprir de agora em diante as suas obrigações enquanto munícipe e cidadã, para melhor organização do país, e sobretudo da província de Luanda. Há mais de 10 anos dedicada ao comércio, actividade que exerce na rua 12 de Julho, Distrito Urbano do Sambizanga, a vendedora possui, no local, uma cozinha para venda de refeições às quitandeiras, comerciantes e proprietários de armazéns.

Uma nota da Comissão Administrativa da Cidade de Luanda, que o *Luanda, Jornal Metropolitano* teve acesso, define duas cópias do Bilhete de Identidade, duas fotografias tipo passe, uma capa de processo, cartão de contribuinte, 50 kwanzas e o número de telefone como requisitos necessários para tratar o cartão de ambulante.

FEIRAS PARA AMBULANTES

No âmbito das medidas destinadas a disciplinar a venda em espaços públi-

Aproximadamente 850 cartões que habilitam para a venda ambulante nas ruas de Luanda foram emitidos pela direcção provincial do Comércio desde o início da "Operação Regaste" até o dia 14 de Novembro. A cerimónia oficial de entrega do documento teve lugar no mercado dos Congolenses, Distrito Urbano do Rangel, e foi presidida pelo vice-governador de Luanda para a Área Económica, Júlio Bessa



cos o GPL vai criar feiras periódicas para os ambulantes, informou a presidente da Comissão Administrativa da Cidade de Luanda.

Entre os locais identificados, segundo Antónia Nelumba, estão os largos Mané, no bairro Neves Bendinha, da Santana, do Soweto, no Rangel, e o do Baleizão, Baixa da cidade de Luanda. "As feiras vão

ser realizadas duas vezes por mês e com produtos devidamente seleccionados", informou.

Antónia Nelumba informou também aos comerciantes, em particular às mulheres, que as vendas serão realizadas em horários próprios, isto, para evitar que as mesmas se ausentem, a tempo inteiro, de casa e dos seus filhos. O GPL,

segundo a governante, está numa fase de sensibilização e moralização dos vendedores para que cooperem com as autoridades, respeitando os horários e locais indicados.

Antónia Nelumba apelou às pessoas que exercem o comércio informal a credenciarem-se nos distritos ou comunas onde residem.

O cidadão, segundo a presidente da CACL, só poderá exercer a actividade na circunscricção onde foi credenciado.

"É necessário organizar o sector comercial, mas para que isso aconteça é preciso a participação activa dos munícipes, em particular dos que exercem a actividade comercial", concluiu.

COMPRAR E ANUNCIAR CADA VEZ MAIS PRÓXIMO DO CIDADÃO

BREVEMENTE

NOVOS POSTOS DE VENDA

Centralidade do Sequele e Vila de Cacuaco



EDIÇÕES NOVEMBRO
Paixão pela Imprensa

Jornal de Angola

Jornal dos **Desportos**

Economia
& Finanças

Cultura
Jornal Angolano de Artes e Letras

LUANDA

VENTOS DO SUL

PLANALTO



DENUNCIE QUEM ESTIVER A DESTRUIR OS BENS DO POVO

O vandalismo está a destruir os bens públicos em todo o País. Os criminosos querem dificultar a vida da população com objectivos escusos. **É UM CASO DE POLÍCIA**



LUANDA

O JORNAL METROPOLITANO DA CAPITAL



Um título independente



A vida da província de Luanda com muito mais conteúdo e dinamismo...



EDIÇÕES NOVEMBRO
Paixão pela Imprensa

ARDINAS DISTRIBUIDORES LIVRARIAS QUIOSQUES

SAIBA COMO
COMPRAR E VENDER
JORNAIS DE FORMA SEGURA

DIGA-NOS
QUANTOS DESEJA
E COMPRE AO PREÇO JUSTO
SEM INTERMEDIÁRIOS!

QUER MAIS INFORMAÇÕES?

923 569 076 / 923 336 616 / 923 659 623
Ou dirija-se às Edições Novembro
Rua rainha ginga 18 - Luanda



EDIÇÕES NOVEMBRO

JORNAL DE ANGOLA

JORNAL DOS DESPORTOS

JORNAL ECONOMIA & FINANÇAS

CULTURA
Jornal Angolano de Artes e Letras

CLASSIFICADOS

Quer comprar? Quer vender? Quer arrendar?

NÃO PERCA TEMPO. ANUNCIE AQUI O SEU NEGÓCIO.

Mais informações

Atendimento
Rua Rainha Ginga, 18/24 - Luanda
de Segunda a sexta-feira, das 8h00 às 18h00,
Sábados, Domingos e Feriados, das 9h00 às 14h00
E-mail: publicidade@jornaldeangola.com
www.jornaldeangola.co.ao/classificados



EDIÇÕES NOVEMBRO
Paixão pela Imprensa

925 134 301 / 912 206 159 / 923 409 613



LUÍSA PEDRO MIALA MUDANÇAS URGENTES

"Aqui o peixe é comercializado entre amontoados de lixo, o que importa para muitos é apenas o lucro. Uma praia desta, com um movimento intenso de pessoas, devia estar mais limpa e cuidada. Os preços são atractivos, só que é fundamental que as autoridades imprimam mudanças urgentes em torno das condições de higiene na praia".



ANTÓNIO FRANCISCO CHUVA DEIXOU DE SER BEM-VINDA

"Todos os anos vivemos os mesmos problemas. Por causa das recorrentes inundações de casas e ruas intransitáveis. A chuva deixou de ser bem-vinda. As construções desordenadas concorrem para a desgraça das famílias".

MUNICÍPIO DE CACUACO

JOÃO PEDRO | EDIÇÕES NOVEMBRO

Criminalidade e inundações criam pânico no bairro dos Pescadores

Localizado no extremo Oeste do município de Cacuo, próximo a vila sede, o bairro dos Pescadores, como o próprio nome diz, surgiu e cresceu de uma comunidade de pescadores. Entretanto, sempre que chove com alguma intensidade, os moradores do bairro entram em pânico. As casas ficam submersas, as ruas intransitáveis e os dejectos das fossas espalhados em locais impróprios. Por outro lado, queixam-se do aumento da criminalidade



Fula Martins

jornal.luanda@edicoesnovembro.co.ao

"Já não sei o que dizer porque um dia a minha casa vai desabar devido a inundação. Nem sei se ela ainda resiste nesta época chuvosa". O desabafo de António Francisco, quando abordado pela reportagem do *Luanda, Jornal Metropolitano*, reflecte uma preocupação que é comum a maioria dos moradores do bairro dos Pescadores, em cacuo. Residente há 10 anos no bairro, António

Francisco afirmou que todos os anos vive os mesmos problemas. Apontou que por força das recorrentes inundações de casas, ruas intransitáveis, focos de lixo, dejectos das fossas espalhados pelo bairro, para si, a chuva deixou de ser bem-vinda, situação que se agrava por viver próximo à vala.

António Francisco reconhece que as construções desordenadas, que caracterizam a maioria das casas construídas no bairro, concorrem para a desgraça das famílias. Lembra que de um tempo a esta parte, técnicos afectos à Administração do Distrito Urbano de Cacuo retiraram enormes

"Aqui no bairro, o sector do Ceteca é dos mais conturbados e os focos de crime são reais, particularmente no período nocturno e em locais com pouca afluência de pessoas. Muitas mulheres queixam-se de que já foram assaltadas ou violadas. A situação é preocupante"

quantidades de lixo espalhados na vala que atravessa os "Pescadores". Contudo, quem vive próximo da mesma, como é o caso de António Francisco, entende de maneira diferente.

"Se a limpeza da vala teve em perspectiva a resolução do problema da circulação das viaturas, sobretudo no período chuvoso, então não passou de mera intenção", considerou.

Manuel Domingos Batalha, outro morador, embarca no mesmo pensamento. Além de lançar duras críticas ao estado das vias de acesso, porque, segundo explicou, muitas delas não estão pavimentadas e comprometem a cir-



AMONTOADOS DE LIXO PÉSSIMO SANEAMENTO

A falta de pavimentação das vias de acesso compromete a circulação de pessoas e viaturas, no Bairro dos Pescadores, situação que se agrava devido ao péssimo saneamento básico. Alguns moradores não contribuem para a melhoria das condições de higiene.



MANUEL BATALHA QUANTIDADE EXCESSIVA DE ÁGUA

"Parte da água que invade as residências sai da zona onde foi construído um conhecido supermercado. É urgente a construção de valas de drenagem para evitar o sofrimento e a dor dos moradores. Quando chove tem sido complicado transitar devido a excessiva quantidade de água".

culação de pessoas e viaturas, as coisas se agravam devido ao péssimo saneamento básico. Porém, reconheceu que alguns moradores não contribuem para a melhoria das condições de higiene do bairro. Outro munícipe, que mora há seis anos nos "Pescadores", lamentou, igualmente, os constantes cortes no fornecimento de energia eléctrica.

"Estamos cansados dos cortes de energia e no abastecimento de água. Em relação ao lixo, considerou, todavia, que a empresa de recolha tem feito um trabalho que se pode considerar razoável, só que muitas pessoas deitam o lixo no chão e, pura e simplesmente, ignoram a preservação do meio ambiente", disse.

A preocupação com a limpeza é extensiva a Luzia Pedro Miala, que vive a escassos metros da praia Mundial, onde o lixo produzido pelas vendedoras de peixe é apontado como um atentado à saúde pública.

"Aqui o peixe é comercializado entre amontoados de lixo, o que importa para muitos é apenas o lucro. Uma praia desta, com um movimento intenso de pessoas, devia estar mais limpa e cuidada", salientou.

São muitas as reclamações da falta de higiene na praia Mundial. Com o lixo espalhado ao seu redor os clientes sentem-se tentados a desistir da compra do peixe, mas acabam por não resistir aos preços. Além dos pescadores, um restrito grupo de jovens fazem o "biscate" de preparar o peixe, enquanto que os vendedores ambulantes utilizam o local como uma zona privilegiada para os seus negócios.

"Os preços são atractivos, só que é fundamental que as autoridades imprimam mudanças urgentes em torno das condições de higiene na praia", sugeriu Luzia Pedro Miala.

Parco em palavras, o coordenador adjunto para área financeira do mercado da praia Mundial, Elias Caizar, afirmou que o espaço regista melhorias do

ponto de vista da higiene se comparado com os últimos seis meses.

INUNDAÇÃO E CIRCULAÇÃO

É voz corrente, entre moradores, que a construção desordenada das residências, o lixo aliado ao não perfilamento da vala, contribuem para as inundações no bairro sempre que chove com intensidade. O cenário que se repete todos os anos deixa, igualmente, as ruas alagadas, criando muitas dificuldades à circulação de viaturas e pessoas.

Graciosa Kulupa, que reside no sector do Ceteca, considerado um dos mais críticos, explicou que as águas têm como proveniência os bairros Nova Urbanização, Vidrul, Ecocampo e a "Via Expressa".

"Sempre que chove o nosso bairro fica inundado e muitos moradores são obrigados a refugiarem-se em casa de familiares. Alguns passam a noite ao relento, enquanto outros permanecem durante dias acantonados nas habitações, atirados à sua sorte", disse, salientando que a falta da limpeza no sistema de drenagem dificulta o escoamento das águas das chuvas, deixando as casas submersas. "Peço ajuda do Governo de Luanda para a construção de uma vala de drenagem idêntica a da Samba e o Rio Seco, para resolver de uma vez por todas o problema das inundações", implorou.

Manuel Batalha, por sua vez, lamenta que na época chuvosa tem sido difícil circular no interior do bairro. Entristecido, afirmou que parte da água que invade as residências sai da zona onde foi construído um conhecido supermercado.

Defendeu, por isso, a construção de valas de drenagem para evitar o sofrimento e a dor dos moradores do bairro dos Pescadores.

"Quando chove tem sido complicado transitar no bairro, devido a excessiva quantidade de água que vem do supermercado Shoprite", disse.

JOÃO PEDRO | EDIÇÕES NOVEMBRO



Lucro O que importa para muitos pescadores, na praia Mundial, é a venda do peixe

NÍVEL ELEVADO DE DELINQUÊNCIA

JOÃO PEDRO | EDIÇÕES NOVEMBRO



DENÚNCIA Diariamente sucedem-se os relatos de assaltos e roubos às residências e na via pública

FAZENDO JUZ ao ditado segundo o qual, "um mal nunca vem só", nos últimos meses, de acordo com denúncia dos moradores, o bairro dos Pescadores regista um nível elevado de delinquência.

Edmar Salussinga, de 32 anos, recordou que num passado recente a tranquilidade era regra, contrariando ao clima que se vive actualmente, em que os marginais intensificaram as acções criminosas com recurso a arma de fogo. Diariamente, sucedem-se os relatos de assaltos e roubos às residências, na via pública e crime de violação sexual. Edmar Salussinga explicou que, recentemente, um motoqueiro foi baleado por marginais, quando tentava impedir o roubo da motorizada que dirigia. A caminho do hospital não resistiu aos ferimentos.

"Chegamos a um ponto que necessitamos de esquadras móveis e mais policiamento para combater a criminalidade que aumenta todos os dias", disse.

Luísa Pedro Miala revelou que são obrigados a percorrer longas distâncias até aos bairros vizinhos sempre que necessitam de apoio policial. A moradora alertou que o sector do Ceteca é dos mais conturbados e os focos de crime são reais, particularmente no período nocturno e em locais com pouca afluência de pessoas.

"Muitas mulheres queixam-se de que já foram assaltadas ou violadas e é preocupante", lamentou Luísa Pedro Miala, que mora há mais de cinco anos no bairro dos Pescadores. **FM**

MAIS DE 150 RESIDÊNCIAS ABANDONADAS

O COORDENADOR DO BAIRRO dos Pescadores, João Cavaia António, disse ter perfeita noção das inundações, revelando que por conta destas intempéries mais de 150 residências foram abandonadas pelos proprietários.

A propósito, o *Luanda, Jornal Metropolitano*, apurou que muitos moradores manifestam-se receptivos em abandonar o bairro desde que as autoridades apresentem um plano de realojamento coerente.

João Cavaia António explicou que os moradores debatem-se com outros problemas, que vão desde a escassez de escolas, centros de saúde, unidades de polícia, agências bancárias e espaços de lazer.

"O bairro possui uma única escola primária e os alunos depois de concluírem este nível de ensino são obrigados a recorrer aos colégios privados ou imigrar para os bairros da Ecocampo, Vidrul ou Kifangondo", referiu.

O coordenador do bairro disse também que a situação é idêntica no sector da saúde. Por este motivo, os pacientes são obrigados a recorrer ao Centro de Saúde São Lucas, em Kifangondo, aos centros médicos privados e, em alguns casos, aos serviços prestados pelos curandeiros. Apesar de considerar constante a preocupação com o saneamento

básico, João Cavaia António admitiu como "ainda deficitária" a recolha dos resíduos sólidos.

"A Rota Ambiente é a operadora de limpeza a quem foi atribuída a responsabilidade da recolha do lixo no Distrito Urbano de Cacuaco e, por conseguinte, no bairro. Infelizmente, o serviço é feito de forma precária", desabafou. **FM**



João cavaia antónio



**DENUNCIE
OS
INFRACTORES
LIGUE 113**



**Cabos eléctricos roubados, PT's destruídos, ligações anárquicas, energia consumida, mas não paga...
A ENERGIA ELÉCTRICA É UM BEM DE TODOS NÓS. VAMOS PRESERVÁ-LA PARA ANGOLA PROGREDIR MAIS RÁPIDO!**



(400.088)



República de Angola
Inspeção Geral da Administração do Estado

**VIII CONFERÊNCIA ANUAL DOS ORGANISMOS ESTRATÉGICOS DE CONTROLO INTERNO
DA COMUNIDADE DOS PAÍSES DE LÍNGUA PORTUGUESA
OEI-CPLP**



Lema: O CONTROLO DA EXECUÇÃO DAS DESPESAS PÚBLICAS

**LUANDA: 27 á 30 de Novembro de 2018
LOCAL: Centro de Convenções de Talatona**

CPLP
Comunidade dos Países
de Língua Portuguesa



(300.058)



DENUNCIE OS INFRACTORES LIGUE 113



Cabos eléctricos roubados, PT's destruídos, ligações anárquicas, energia consumida, mas não paga... A ENERGIA ELÉCTRICA É UM BEM DE TODOS NÓS. VAMOS PRESERVÁ-LA PARA ANGOLA PROGREDIR MAIS RÁPIDO!



(400.088)

PLANALTO

A FORÇA E TRADIÇÃO DO SEU POVO AQUI REFLECTIDO

O JORNAL DO HUAMBO E BIÉ



EDIÇÕES NOVEMBRO

Paixão pela Imprensa

PLANALTO
JORNAL DA REGIÃO CENTRO DE ANGOLA

Director Fernando Cunha • 8 de Junho de 2018 • Ano 0 • Número 1

ÓBITOS E PEDIDOS NO BIÉ
USO DE PANOS AFRICANOS É OBRIGATORIO
O uso de panos de origem africana nas cerimónias fúnebres e alinhamentos tornou-se numa prática obrigatória entre as mulheres adolescentes e adultas da província do Bié, conduta que promove à cultura da região e por isso está a ser muito elogiada pelos turistas. São mulheres de vários estratos sociais que, nos óbitos, por exemplo, usam panos em respeito à família enlutada e à sociedade, além de manifestarem tristeza e afecto. Os panos africanos são agora trajes oficiais das mulheres da cultura umbundu. As mulheres que não os usam de forma regular têm sempre uma peça guardada numa bolsa.

ESTÁDIO DE FUTEBOL
CACILHAS VIROU CAMPO AGRÍCOLA
A 6 de Setembro de 2012, com pompas e circunstâncias, o Estádio das Cacilhas, um património histórico da cidade do Huambo e símbolo do Sport Mambra e Benfica, foi demolido, para a construção de um novo recinto para a prática do futebol. Na altura, muitos aficionados do desporto acreditavam que - tempos depois - viria uma nova era para o tradicional clube do bairro das Cacilhas, na zona suburbana da urbe huambense: Puro engano. Hoje, todos aqueles que acreditaram, piamente, que o começo da edificação do novo estádio das Cacilhas, padronizado à dimensão de uma infraestrutura moderna do século XXI, iria significar o ressurgimento do Mambra do Huambo, sentem-se defraudados.

O MAIS ALTO DO HUAMBO
OS 2,30 METROS DE HENRIQUES SOCUMBE
Solteiro de 33 anos, é tido como o homem mais alto da província do Huambo e, quiçá, do país. No alto dos seus 2,30 de altura, Henriques Socumbe nunca teve a sorte de encontrar alguém que o visasse para a sua estatura e o levasse a treinar basquetebol ou voleibol, duas modalidades que "corridam" com pessoas com uma estrutura

A TECNOLOGIA AO SERVIÇO DA FORMAÇÃO



QUALIFICAR, O NOVO APLICATIVO DA OFERTA FORMATIVA DO PAÍS

Consulta mais de 3000 cursos, em mais de 500 Instituições de Ensino e Formação, distribuídos por todas as Províncias do país.

-  SIMPLIFICA A ESCOLHA DE UM CURSO
-  INCLUI DIVERSOS NÍVEIS DE ENSINO E FORMAÇÃO

ESTÁS PREPARADO?

#DECIDEOTEUFUTURO

GRATUITO



GOVERNO DE
ANGOLA
Unidade Técnica de Gestão do
Plano Nacional de Formação de Quadros

qualificar.gov.ao

TESTE

Desafio

1 - Medidas de Capacidade:

- 1) Sabendo que 1KL tem 1000 L, quantos kl tem:
 a) 37 L =
 b) 3750 L =
 c) 44185 L =

2 - Exercícios de Equações

- a) Existem três números inteiros consecutivos com soma igual a 393. Que números são esses?
 b) Determine um número real "a" para que as expressões $(3a + 6) / 8$ e $(2a + 10) / 6$ sejam iguais.

3- Dízimas periódicas

Calcule a dízima periódica e diga se ela é simples ou composta:

- a) $\frac{5}{9}$ b) $\frac{7}{3}$ c) $\frac{1029}{180}$

RESPOSTAS

Resposta a) $3x + 3 = 393$
 $-x + (x + 1) + (x + 2) = 393$
 $3x + 3 = 393$
 $x = 130$
 Então, os números procurados são: 130, 131 e 132.
 Resposta b)
 $(3a + 6) / 8 = (2a + 10) / 6$
 $6(3a + 6) = 8(2a + 10)$
 $18a + 36 = 16a + 80$
 $2a = 44$
 $a = 22$
 Resposta c)
 $0,5555... = \frac{5}{9}$
 $2,3333... = \frac{7}{3}$
 $5,71666... = \frac{1029}{180}$
 c) Dízima composta

2 - Exercícios de equação
 Resposta a)
 $37 / 1000 = 0,037$ kl
 Resposta b)
 $3750 / 1000 = 3,75$ kl
 Resposta c)
 $44185 / 1000 = 44,185$ kl

1 - Medidas de Capacidade:

Cartoon

Armando Pululo



Curiosidades



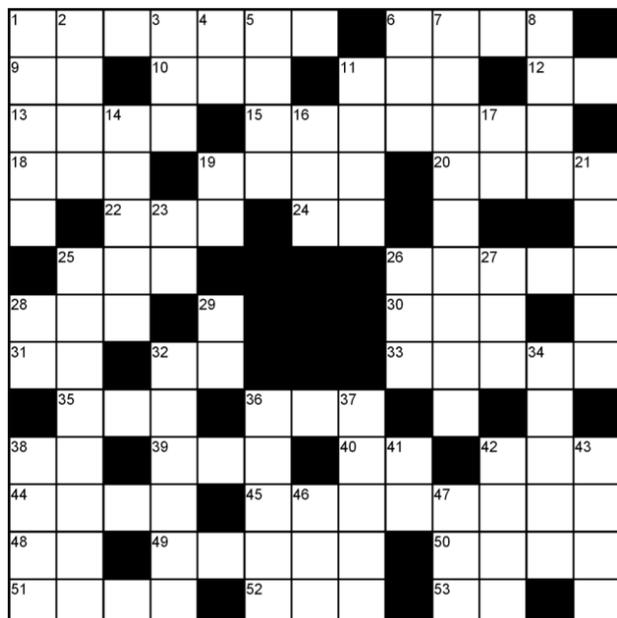
Agrupamento musical Os Kiezos

Os Kiezos são um grupo musical que foi formado na década de 60 por jovens oriundos de famílias humildes. Eles animaram inicialmente festas de bairros, onde se notabilizaram, acolhendo o reconhecimento nacional. Motivados por uma paixão pelos ritmos nacionais, a sua música integrou, muitas vezes, influências de estilos musicais de artistas congolezes, latino-americanos e outros. Absorveram igualmente li-

nhas musicais de agrupamentos nacionais como os Negoleiros do Ritmo, Musangola e os Gingas. Apesar dessas influências, a banda não perdeu a sua originalidade em termo de ritmos, que o tornaram num dos maiores executantes da música popular urbana de Angola. Ao longo do seu percurso, Os Kiezos foram autores de músicas como "Milhorró", "Comboio", "Princesa Rita", "Zá Boba", "Monami", "Jingololo", "Tristezas não pagam dívidas", temas que marca-

ram a vida dos angolanos nas décadas de 70 e 80. Com muitos anos de carreira, o grupo teve como expoentes máximos o percussionista António Miguel da Silva (Kituxi), o vocalista Adolfo Coelho e o guitarrista Anselmo de Sousa Arcaño (Marito). Este último foi considerado um dos mais talentosos solistas do cancionero angolano dos anos 70 e 80, na mesma época em que pontificava ainda o guitarrista Zé Keno, dos "Jovens do Prenda".

Palavras Cruzadas



Horizontais

2. (...) Bartolomeu, jornalista da Televisão Pública de Angola. 6- Da cor do céu sem nuvens. 9- A tua pessoa. 10- Curso de água natural. 11- Organização das Nações Unidas (acrónimo). 12- A minha pessoa. 13- Procedia. 15- Independência. 18- Diz-se do número inteiro que é divisível por dois. 19- Maneira. 20- Porção de líquido que se engole de uma só vez, traço. 22- Senão. 24- Atmosfera. 25- Alimento fabricado pelo padeiro. 26- Duração. 28- Elemento de formação que exprime a ideia de vida. 30- O número três em numeração romana. 31- Prefixo (negação). 32- Existe. 33- Guarnecer de orla, debriçar. 35- Que não está cozinhado. 36- Satélite natural da Terra. 38- Partícula apassivante. 39- Animal vertebrado, pulmonado, de sangue quente, com o corpo revestido de penas. 40- Preposição que designa posse. 42- Abreviatura de publicidade. 44- A outra vida. 45- Banca, tenda ou loja de comércio. 48- Los Angeles (abreviatura). 49- Peça de vestuário feminino para o tronco. 50- Que não é imaginário. 51- Porção da circunferência. 52- Sufixo verbal de origem latina. 53- Alternativa.

Verticais

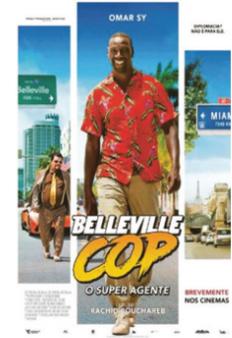
- 1- Jornada. 2- Sulco na pele. 3- Época. 4- Sétima nota musical. 5- Completo. 6- Nome feminino. 7- Vendedora ambulante. 8- Fiel. 11- Confrontar. 14- Filho do mesmo pai e da mesma mãe, ou só do mesmo pai, ou só da mesma mãe. 16- Viagem. 17- República Dominicana (domínio de Internet). 19- Abreviatura de manuscrito. 21- Fazer eco. 23- Redução das formas linguísticas "a" e "o" numa só. 25- Dar pinceladas em. 26- Irmão do pai ou da mãe. 27- Dez vezes cem. 28- Prefixo (duas vezes). 29- Utensílio que serve para cavar. 32- A segunda cidade mais populosa de Angola. 34- Auxílio. 36- Utensílio que se agita com a mão para diminuir a sensação de calor. 37- Transferir para outro dia. 38- Qualquer compartimento. 41- Extraterrestre. 42- Aro de borracha que reveste as rodas de certos veículos. 43- Rebuçado (Brasil). 49- Utiliza. 47- Argola.

Cinema

CINEMAX / Kilamba

Semana: 23 a 29 de Nov

- Título: **Belleville Cop: O Super Agente**
Sala (VIP)
- Género: Acção, Comédia
- Sessões: 13h10/ 15h20/17h30 /19h40/21h50*
- * Apenas dias 23 e 24 de Nov



- Título: **Grinch VP 3D**
(Inclui Curta-Metragem "Mínimos em Fuga")
- Género: Animação (sala 1)
- Sessão: 13h00/15h00/17h00 /19h00



- Título: **Grinch VO**
(Inclui Curta-Metragem "Mínimos em Fuga") (sala 1)
- Género: Animação
- Sessão: 21h00/ 23h00*
- * Apenas dias 23 e 24 Nov

- Título: **O Quebra-Nozes e os Quatro Reinos VP**
(sala 2)
- Género: Fantasia, Aventura
- Sessões: 13h50/ 16h10/ 18h30
- Filme Esquebra - 800 Kz

- Título: **Hunter Killer**
(sala 2)
- Género: Acção
- Sessões: 20h50/23h30*
- * Apenas dias 23 e 24 Nov

- Título: **Venom**
- Género: Acção (sala 3)
- Sessões: 14h00/17h10 /19h50/ 22h20*
- * Apenas dias 23 e 24 Novembro.

- Título: **Monstros Fantásticos: Crimes de Grindelwald 3D**
(sala 4)
- Género: Aventura, Fantasia
- Sessões: 13h30/ 15h50 /18h40 / 21h30

- Título: **Viúvas**
(sala 4)
- Género: Aventura, Fantasia
- Sessões: 13h30/ 15h50 /18h40 / 21h30



**MATERIAIS À VENDA
ATELIER PARA OS ARTISTAS**

“O atelier foi criado a pensar em outros artistas, já que nem todos têm a possibilidade de viajar e tudo que necessitamos é importado. Por esta razão, tenho a venda no atelier materiais como tintas, pincéis, entre outros artigos. Reconheço que o espaço ainda é pequeno e precisa de apoio para acabar de montá-lo”.



**EXPOSIÇÕES MUNDIAIS
EVENTOS QUE MARCARAM A CARREIRA**

As participações nas Expos Saragoça, Espanha, em 2008, Xangai, China, em 2010, Yeosu, Coreia do Sul, em 2012, e Milão, Itália, em 2015, e a recente exposição de pintura no Hotel Convenções de Talatona (HCTA), presenciada pelo Vice-Presidente da República, Bornito de Sousa, e da ministra da Cultura, Carolina Cerqueira, marcaram a carreira da artista.

ARTISTA PLÁSTICA FINEZA TETA

FOTOS CEDIDAS

“É preciso ser heroína para viver da arte”

Arcângela Rodrigues
jornal.luanda@edicoesnovembro.co.ao

Detentora de várias premiações nacionais e internacionais, a artista plástica Fineza Teta abriu as portas do seu atelier e galeria ao *Luanda, Jornal Metropolitano*, e revelou os seus desafios, entre os quais a realização de uma trienal de artes a nível nacional, a concessão de um espaço para interagir com as crianças, realizar workshops e reciclagem de professores de arte.

Fineza, que adoptou o nome artístico “Fisty”, gosta de pintar de tudo um pouco, sobretudo as feições humanas, em especial das mulheres. “Elas estão bem afinadas na ponta do meu pincel. 80 por cento das belas artes são representadas por mulheres”, disse, acrescentando que uniu dois conceitos “atelier e galeria” para a criação do seu espaço.

“O atelier foi criado a pensar em outros artistas, já que nem todos têm a possibilidade de viajar, se tivermos em conta que tudo que utilizamos é importado. A pensar nisso tenho a venda no atelier materiais como tintas, pincéis, entre outros artigos”, disse, reconhecendo que o espaço ainda é pequeno e precisa de apoio para acabar de montá-lo.

A artista contou que, entre 2010 e 2014, deixou de pintar e passou a dedicar-se a decoração de interiores. “Com o serviço de interiores,

consegui ter algum suporte financeiro que me permitiu voltar as artes plásticas”, frisou.

A artista plástica considera que ainda não atingiu 40 por cento daquilo que gostaria de fazer, mas por iniciativa própria e da família conseguiu chegar onde está hoje. “Não posso afirmar que não se vive da arte. Também não posso dizer que se vive cem por cento dela. É preciso ser heroína para viver da arte”, afirmou.

Conseguir vender uma tela em três ou seis meses constitui um desafio para Fineza Teta, por isso, quando se consegue é necessário saber gerir o dinheiro, que é investido em outros negócios que sustentam o seu atelier.

As participações na Expos Saragoça, Espanha, em 2008, Xangai, China, em 2010, Yeosu, Coreia do Sul, em 2012, e Milão, Itália, em 2015, e a recente exposição de pintura no Hotel Convenções de Talatona (HCTA), presenciada pelo Vice-Presidente da República, Bornito de Sousa, e a ministra da Cultura, Carolina Cerqueira, marcaram a carreira da artista.

Os clientes que frequentam o seu atelier preferem telas que acompanham a decoração de casa. A artista criou a sua primeira obra, em 1997, e já venceu o prémio ENSA ARTE, sendo a primeira mulher a receber a distinção nos mais de vinte anos de existência do concurso. Fisty também recebeu menções honrosas em diferentes exposições da Fundação Irida, na Rússia, pela exposição “Primavera” e o Ensa-Arte, com a obra intitulada “O casamento”, bem como pela universidade Open window- Art-Academy, na África do Sul.



“Com o serviço de interiores, consegui ter algum suporte financeiro que me permitiu voltar às artes plásticas”

TAXA DE LIMPEZA DE LUANDA

EMPRESAS E CONDOMÍNIOS:

-Transferência Bancária ou
Internet Banking nos Bancos

KEVE, BFA, BAI, BNI E FINIBANCO

-Depósito no BCI, Conta nº

3995701710001 (Apresentar comprovativo / GPL)

Telf: 947 423 911 e 996 577 545

PAULO MIRANDA Jr.

**PAGUE JÁ A TAXA DE LIMPEZA
E CONTRIBUA PARA A BELEZA DA NOSSA PROVÍNCIA**

Linhas de Apoio do GPL

923166757

226426242

whatsapp

995237464



JOSÉ SIMÕES
CULTURA EM CACUACO

“O espaço Roseira existe desde o ano 2000, e sempre pautou por abrir as portas à cultura do município de Cacuo. É um espaço pioneiro na realização de actividades teatrais. Já passaram por aqui inúmeros grupos, dos quais uns até deixaram já de praticar as artes cénicas”.



MÁRIO MIGUEL
DIÁLOGO ENTRE A AUTORIDADE E A COMUNIDADE ARTÍSTICA

“A carência de salas dificulta as exposições, permitindo a leitura de que existe apenas meia dúzia de grupos, que disputam uma única sala no espaço Roseira. Em termos de espaço, a realidade nunca foi muito boa. Gostaria que houvesse mais diálogo entre a autoridade local e a comunidade artística”.

LIVRO DE TEATRO

FOTO CEDIDA



LITERATURA Trajectória do agrupamento musical Ngola Ritmos foi retratada em livro pelo jovem Fernando Carlos

“Ritmos da Luta” lançado no Camões

A estreia da montagem do espectáculo está agendada para Dezembro, com data e lugar ainda por se definir

Matadi Makola

jornal.luanda@edicoesnovembro.co.ao

“Ritmos da Luta – O Semba Como Ferramenta de Libertação” é uma peça teatral escrita por Fernando Carlos, baseada na trajectória do mítico agrupamento musical Ngola Ritmos, cuja sessão de lançamento, venda e assinatura de autógrafos do livro, teve lugar no Instituto Camões, na noite do passado dia 13.

A estreia da montagem do espectáculo está agendada para Dezembro, com data e lugar ainda por se definir. O autor, Fernando Carlos, disse ao *Luanda, Jornal Metropolitano*, que no espectáculo procurará dar ao leitor tudo aquilo que o livro não permite, como decorar a sala como era feita na época dos Ngola Ritmos, exactamente na década 40.

“Para nós, jovens de pouco mais de vinte anos, temos muitas mensagens a reter na leitura da envolvimento e características desse momento. Pessoalmente, eu fiquei arrepiado quando fui tendo contacto vasto sobre o que se passou na época”, revela.

Nesta empreitada, contou com a aju-

da de Tonicha Miranda, que lhe cedeu muitos jornais onde continham artigos que faziam referência ao agrupamento. É o filme de António Ole, intitulado “Ritmos dos Ngola Ritmos”, embora determine como ponto-chave o contacto que teve com Rui Mingas, resultou numa conversa orientadora.

“Eu o ouvi atentamente. Foi muito bom vê-lo refazer o contexto e recompor a emoção da época. Foi o meu despertar”, acrescenta.

Fernando Carlos assegura, em exclusivo ao *Luanda, Jornal Metropolitano*, que o espectáculo não será um musical, tampouco seguirá as peugadas fidedignas da linearidade biográfica.

“Será tudo muito contemporâneo, instantâneo e actual. Não sei se já fizemos uma peça com este formato. Tere-mos nas entrelinhas alguns poemas dedicados aos Ngola Ritmos que permitirão suportar a trama, toda feita em diálogos. Vamos manter o sentimento, mas nada de buscar que seja um documento histórico”, anuncia.

Sobre o enredo, frisa que trará personagens que não conviveram exactamente juntas e no mesmo lugar, como é, por exemplo, o caso de Paulino Da-

mião “50”, que na peça entra como fotógrafo amicíssimo de Rui Mingas e de Onambwe. Mas há também outros casos, como de Maria do Carmo Medina, que se aproximou à mulher de Liceu quando este foi preso, e se juntaram numa amizade que talvez não tenha acontecido como tal.

“É uma realidade plástica, onde componho figuras que acredito terem relações históricas. Há um fio que as liga subjectivamente. Talvez seja o tempo comum. Só para termos uma ideia, o “kota 50” poderia estar em Nambuangongo e o Rui Mingas a estudar cá em Luanda. Mas o tempo os relaciona. O Lúcio Lara, por exemplo, também se cruza, na peça, com os Ngola Ritmos. Mas não sei se isso aconteceu num tempo real”, reconheceu.

A peça terá uma hora de duração, mas garante que será um espectáculo muito ritmado. Fernando Carlos almeja que o “Ritmos da Luta”, o seu livro de estreia nas lides literárias, dê início ao projecto que visa a criação de peças que revisitam lugares e figuras do processo histórico da cidade de Luanda. O actor e poeta, Fernando Carlos, tem 25 anos de idade.

JOSÉ SIMÕES

O “Salvador” do teatro em Cacuo

AFALTA de espaços para actividades culturais, no município de Cacuo, tem causado constrangimentos de vária ordem aos mais de 20 grupos teatrais da localidade. Segundo fez saber o encenador Mário Miguel ao *Luanda, Jornal Metropolitano*, a carência de salas dificulta as exposições, permitindo a leitura de que existe apenas meia dúzia de grupos, que disputam uma única sala no espaço Roseira.

“Em termos de espaço, a realidade nunca foi muito boa. Praticamente, o Roseira é o único espaço onde encontramos suporte para o teatro. Já houve mais gente de boa-fé que tentou ajudar, mas desistiram devido às dificuldades”, explicou.

Igualmente estudante do Instituto Superior de Artes (ISART), Mário Miguel gostaria que houvesse mais diálogo entre a autoridade local e a comunidade artística, no sentido desta participar activamente nas soluções dos problemas do município.

“Um exemplo claro é a “Operação Resgate”, que bem poderia contar com o apoio dos diversos grupos de teatro nos trabalhos de sensibilização lúdico-pedagógica. O teatro tem essa força”, sugere.

Ainda assim, o encenador diz estar esperançoso que um dia a administração local do Estado trace um projecto salutar em relação às artes cénicas. “Da direcção municipal da Cultura, recebemos sempre um grande apoio moral. Quem sabe um dia, quando se superar a crise, tudo venha a ser diferente”.

O espaço Roseira tem uma capacidade de mais de 200 lugares na sua sala de espectáculos e mais de 150 no pátio. Dependendo muitas vezes dos efeitos de sonoplastia e iluminação da peça, os grupos exploram os dois compartimentos.

Segundo o seu proprietário, o empresário José Simões, o espaço Roseira existe desde o ano 2000, e sempre pautou por abrir as portas à cultura do município de Cacuo. “É um espaço pioneiro na realização

de actividades teatrais. Já passaram por aqui inúmeros grupos, tantos que uns até já não praticam mais as artes cénicas”, avalia.

Ciente de que não tem qualquer retorno financeiro, José Simões defende maior aposta nas artes cénicas pelo simples facto de ser uma manifestação que retrata positivamente o quotidiano. “Infelizmente, a população do nosso município adere muito pouco a esse tipo de actividades”, pontua.

Aponta como uma das grandes insuficiências do espaço adaptado ao teatro, a entrada da poluição sonora que sai dos bares e das festas organizadas nos espaços que circundam o Roseira.

“Nisso, pelo menos, acho que a Cultura local poderia interferir e ajudar a regularizar o ambiente. Porque uma das grandes dificuldades é estarmos em plena exibição de uma peça teatral e numa das casas aqui ao lado há música alta, em promoção de actividades, que não trazem nenhum benefício para a cultura. Só causam muito ruído”, adverte.

CENTRO CULTURAL INACESSÍVEL

Gualdina Sebastião, actriz e produtora de espectáculos, alerta que muitos desses constrangimentos seriam evitados se a administração local não construísse o Centro Cultural de Cacuo fora da vila municipal.

“Temos um centro cultural, que poderia muito bem servir de suporte.

Mas, talvez a antever a progressão da Nova Urbanização, a administração decidiu colocá-lo neste bairro. Mas a grande verdade é que até agora a localidade ainda vive um marasmo, tendo falta de luz e ruas de difícil acesso devido a argila”, sublinha.

A actriz isenta os grupos teatrais de qualquer culpa na escolha do local onde foi construído, dado que a classe não foi levada em conta durante a concepção do projecto. Falta iluminação pública naquelas vias, não há segurança e muito menos transportes. **MM**

Doe Sangue Salve uma Vida

Faça Parte desta Causa!

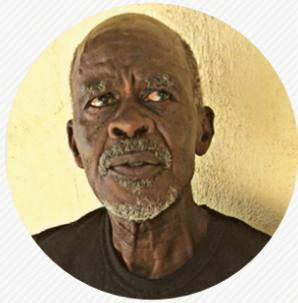


INSTITUTO NACIONAL DE SANGUE

GOVERNO DE
ANGOLA
MINISTÉRIO DA SAÚDE

**KOTA SILVA
ALEGRIA E AGITAÇÃO**

“Sou do tempo que o CTT era um local de alegria e muita agitação, principalmente aos finais de semana, onde até as partidas de futebol entre a miudagem reunia multidões. Infelizmente, a empresa proprietária do espaço decidiu dar outro destino ao campo”.

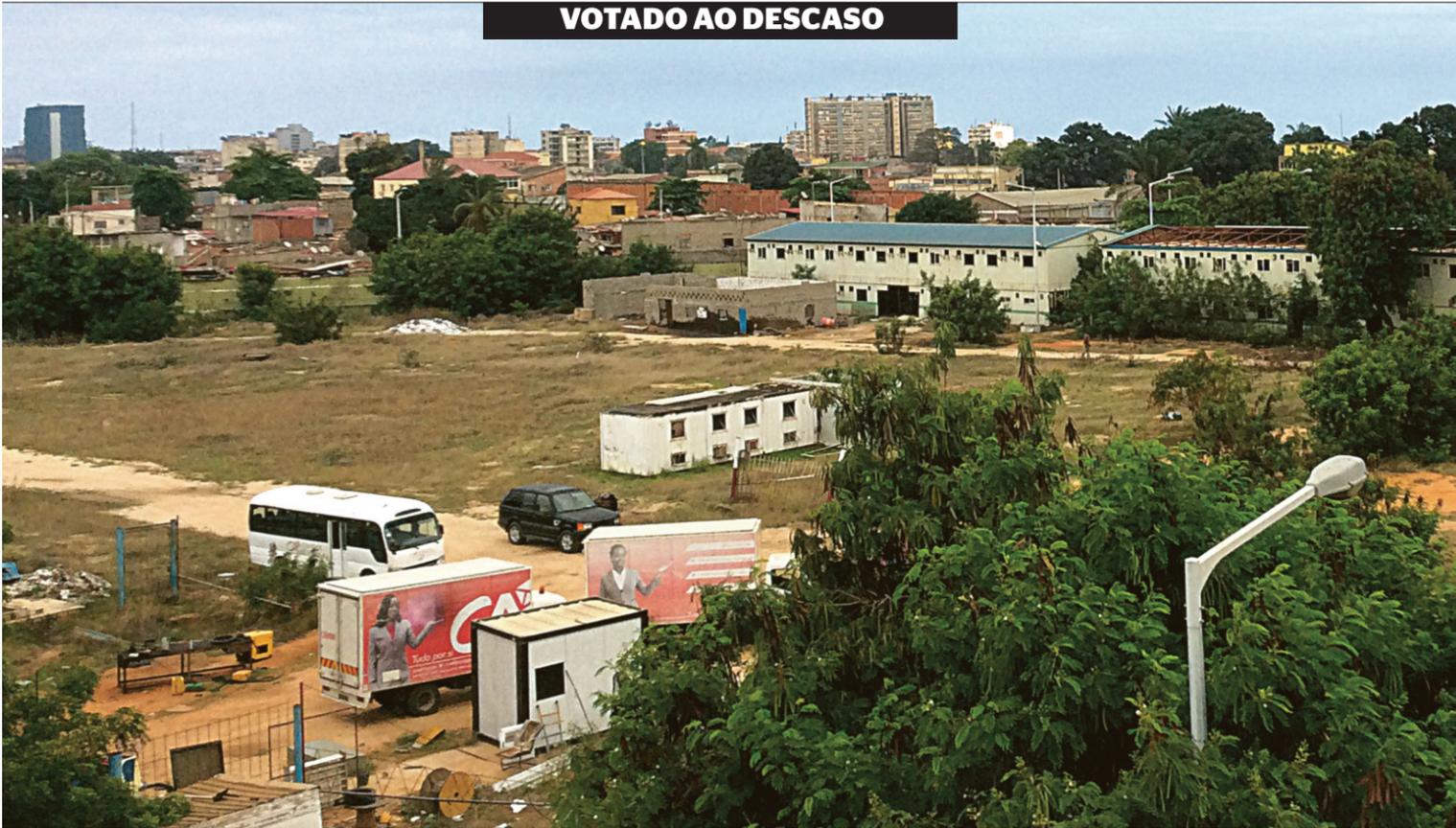


**INSEGURANÇA
ACÇÕES CRIMINOSAS**

Antigamente, quando o campo recebia jogos no período nocturno, a zona era toda iluminada e segura. Hoje, a regra é colocar gradeamento nas janelas e portas para impedir os assaltos. A escuridão tem sido aproveitada por desconhecidos para o cometimento de acções criminosas.



VOTADO AO DESCASO



JOÃO PEDRO | EDIÇÕES NOVEMBRO

**RECORDAÇÕES
E FALTA
DE ILUMINAÇÃO**

DURANTE o período da infância, Pedro Benjamim, antigo morador do bairro Marçal, tinha nos CTT o seu local de paragem obrigatória por diferentes razões. Prestes a completar 44 anos, por exemplo, não esquece as memoráveis partidas de futebol que disputou e outras tantas que assistiu.

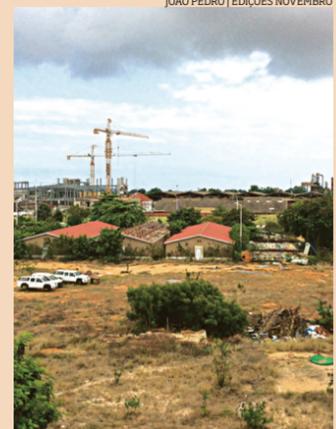
De passagem pelo local, quando abordado pelo *Luanda, Jornal Metropolitano*, Pedro Benjamim lançou um pedido de socorro aos homens do desporto, em geral, e do futebol, em particular, para que se reverta o quadro a favor da juventude cada vez mais carente de espaços para prática do futebol.

“Aqui passamos bons momentos, hoje muitos jovens não brincam nem praticam desportos porque não existem espaços de futebol como antigamente e, por isso, são obrigados a jogar nas estradas com o risco de atropelamento”, disse.

Entretanto, a preocupação com o campo dos CTT e área envolvente ganha outros contornos no período nocturno. Por falta de iluminação pública, a escuridão tem sido aproveitada por desconhecidos para o cometimento de acções criminosas. Com um dos netos ao colo, Marta Joaquim revelou que os relatos de assaltos e roubos tornaram-se uma constante, o que deixa os moradores inquietos. Nem mesmo a presença de uma unidade policial próximo inibe os criminosos.

“Antigamente, quando o campo recebia jogos no período nocturno, a zona era toda ela iluminada e segura. Hoje, a regra é colocar gradeamento nas janelas e portas para impedir os assaltos”, explicou Marta Joaquim, realçando que a destruição do campo dos CTT matou o sonho de muitos jovens. **JP**

JOÃO PEDRO | EDIÇÕES NOVEMBRO



FACTO Estado actual do piso

Moradores relatam memórias do campo dos CTT

Tido como um espaço lendário que marcou pela positiva a história do futebol angolano, e testemunhou o emergir para o mundo da fama de figuras emblemáticas do futebol angolano, como "Brinca na Areia", Zeca Matateu, Chico Negrita para só citar alguns, os momentos áureos vividos no campo dos CTT, Distrito Urbano do Rangel, município de Luanda, muito dificilmente vão voltar a acontecer

João Pedro
jornal.luanda@edicoesnovembro.co.ao

O menosprezo a que está votado o campo dos CTT, no Rangel, é das situações que Artur Silva tem dificuldade em digerir. Residente há mais de 50 anos neste emblemático bairro da província de Luanda, viveu o período que os moradores disputavam, entre si, o melhor ângulo das janelas dos edifícios, com vista ao campo, para conferir o motivo do ruído ensurdecedor das bancadas.

“Sou do tempo que o CTT era um local de alegria e muita agitação, principalmente aos finais de semana onde até as partidas de futebol entre a miudagem, reunia multidões”, recorda.

Kota Silva, como é conhecido entre os jovens do Rangel, lamentou o estado actual do campo e mani-

festou que os moradores nada podem fazer porque a administração da empresa de Correios de Angola, proprietária do espaço, decidiu dar outro destino ao campo. Sem disfarçar a tristeza, lembrou que até meados da década passada o recinto dispunha de bancadas para acolher os espectadores que assistiam com alguma regularidade equipas de futebol como o Vitória e o Progresso, ambas do distrito do Sambizanga.

“O campo pertencia aos Correios de Angola e chegou a ser dirigido pelo então director Paulo Teixeira, que por altura da independência também era director do Sporting Club de Luanda”, disse.

Antigo funcionário da Angola Telecom, Kota Silva disse também que a junção dos Correios de Angola e a Empresa de Comunicações de Angola deu lugar a Angola Telecom. A partir daí, continuou, foi

criada uma comissão que infelizmente não tinha conhecimento da história do campo, acabando dar a ele outro destino.

Sabino Fortunato, também morador e amante de futebol, destacou que, entre os anos 80 e 90, o CTT era ponto de encontro dos jovens de vários bairros de Luanda, como o Marçal, Sambizanga, Cua, Nocal e Rangel.

“Aqui passamos bons momentos, hoje muitos jovens não brincam nem praticam desportos porque não existem espaços de futebol”

“Equipas de futebol destes bairros disputavam torneios com alguma regularidade e daí saíam futebolistas talentosos no trato com a bola”, disse.

A desactivação do campo, segundo considerou, retirou parte do brilho do bairro e hoje a juventude vê-se agora obrigada a procurar outras alternativas para jogar, pois os CTT está transformado em campo de cultivo rodeado de lixeira. Sabino Fortunato acredita que o cenário começou a ser desenhado no início de 2004, quando uma empresa de construção chinesa alugou o recinto para transformá-lo em estaleiro de obras.

“Como se pode ver, no piso de jogo foram erguidas casas para acomodar operários de construção civil, o campo deixou de existir e deu lugar a um terreno baldio com sucatas de viaturas e focos de lixo”, lamentou.



Existem casos em que os familiares optam em fazer primeiro a auto medicação e, só depois do quadro agravar é que procuram por uma unidade sanitária

TERESA LOURENÇO

Directora do Hospital do Cazenga

OFERTA DE VAGAS SISTEMA DE ENSINO

Cerca de 20 mil novos alunos poderão ser enquadrados, em Luanda, no próximo ano lectivo, o que poderá ajudar a reduzir o fenómeno crianças fora do sistema de ensino, anunciou o vice-governador para os Serviços Técnicos e Infra-estruturas, José Paulo Kai.



ENSINO PROFISSIONAL



TECNOLOGIA Presidente João Lourenço interagiu com os formandos

Cazenga forma mais de 1.800 técnicos

A criatividade e vontade de aprender, de alguns jovens, na fase formativa, ficou demonstrado, recentemente, na visita que o Presidente da República, João Lourenço, efectuou aos centros de Formação Profissional do Cazenga e o Integrado de Formação Tecnológica, no Distrito Urbano do Rangel

ODIRECTOR DO Centro de Formação Profissional do Cazenga, Manuel Mbagui afirmou que o centro forma, anualmente, mais de 1.800 técnicos, destacando os cursos de Construção Civil, Línguas e Tecnologias de Informação entre os mais procurados, dos 18 que a instituição ministra.

O centro, o primeiro do país, formou até ao presente momento mais de 25 mil profissionais. No dia 12 de Novembro o centro recebeu a visita do Presidente da República, João Lourenço, que aproveitou a ocasião para interagir com os estudantes de carpintaria. Durante o diálogo com o Chefe de Estado, os estudantes exibiram alguns dos trabalhos práticos que realizaram.

Ns áreas de electricidade, canalização, frio e construção civil, João Lourenço recebeu explicações dos formadores e dos formandos sobre áreas específicas. Foi visível a interacção entre o Titular do Poder Executivo, formandos e formadores. Sempre que houvesse dúvidas, fundamentalmente, sobre o processo de aprendizagem, os formandos e formadores apareciam com as respostas que se impunham.

Na área de construção civil, por exemplo, João Lourenço viu, com agrado, o trabalho de teste do material de construção civil feito por jovens e baixou orientação para uma maior interacção com as universidades ou faculdades de Engenharia, tendo em vis-

ta a valorização académica e científica do trabalho realizado nos centros profissionais.

Impressionado com uma marca de fogareiro feito pelos formandos do Centro Profissional do Cazenga, o Presidente pediu o registo da marca do fogareiro, diferente dos tradicionais fogareiros a carvão.

CENTRO INTEGRADO DO RANGEL No Centro Integrado de Formação Tecnológica (Cinfotec), localizado no Distrito Urbano do Rangel, o Presidente da República, João Lourenço conversou com os docentes e formandos e assistiu a a apresentação de videos que retratam o historial do centro.

Por sua vez, no Cinfotec, João Lourenço iniciou a sua visita no bloco que comporta as oficinas de máquinas e fluidos, soldadura, bate-chapa e manutenção de máquinas industriais. Percorreu também as áreas tecnológica de electromedicina, mecânica industrial, incluindo os laboratórios de electromecânica, energias renováveis e electricidade industrial. Numa breve conversa com alguns formandos, o Presidente João Lourenço realçou a importância da formação, cada vez mais, de jovens angolanos nestes centros, para dar resposta procura de pessoal qualificado que vão funcionar nas empresas do sector petrolífero que podem surgir a qualquer altura.

Resenha da Semana

ILHA DO CABO PROCISSÃO MARÍTIMA NA FESTA DA KYANDA

Uma procissão marítima, a que se seguiu depois a exposição de artesanato, bailes e a exibição do grupo carnavalesco União Mundo da Ilha marcaram, no fim-de-semana, a 39ª edição da festa da Ilha do Cabo, no Distrito Urbano da Ingombota. Segundo apurou o *Luanda, Jornal Metropolitano*, o programa de actividades incluiu a realização de uma missa solene na Igreja Católica da Nossa Senhora do Cabo e a deposição de uma coroa de flores a estátua da peixeira. A Ilha do Cabo, conhecida também por Ilha de Luanda, é um cordão litoral, em Angola, composto por uma estreita língua de terra com sete quilómetros de comprimento que, separando a cidade de Luanda do Oceano Atlântico, cria a Baía de Luanda. Os habitantes originais da ilha são os Axiluanda, um subgrupo dos Ambundu, do Rei do Congo.

COMPETÊNCIAS GOVERNOS PROVINCIAIS COM MAIS PODER DE DECISÃO

Luanda e as restantes província do país têm, desde a semana passada, competências para gerir questões relacionadas com os sectores dos Transportes, Urbanismo e Habitação, e Construção e Obras Públicas. Em função da transferência de algumas competências, os governos provinciais podem agora, promover a elaboração de estudos e supervisionar a implementação de projectos no domínio do ordenamento do território e do urbanismo e desenvolver a requalificação e reconversão urbana e rural, em colaboração com os organismos competentes. Podem, igualmente, gerir questões relacionadas com os transportes colectivos municipais, táxis colectivos, transportes colectivos rodoviários, bem como o licenciamento da actividade comercial de peças, acessórios e pequenas oficinas de reparação automóvel. As medidas de transferências são também acompanhadas dos respectivos orçamentos.

TRANSPORTE EMPRESAS PROPÕEM AUMENTO DAS TARIFAS

A TCUL, TURA e a MACON, empresas de transportes urbanos defenderam, na semana, o aumento do preço da corrida, para fazer face às despesas operacionais e acabar com os constantes atrasos no pagamento da subvenção pelo Governo. A proposta da subida da tarifa foi manifestada pelos gestores das referidas empresas, num encontro com sindicalistas do ramo do transporte rodoviário da província de Luanda. Os participantes reconheceram que as dificuldades por que passam as empresas de transporte colectivo urbano estão na origem do atraso no pagamento dos salários, daí terem chegado à conclusão de que, se o Executivo não tomar uma decisão, podem acontecer mais despedimentos e algumas empresas entrar em falência. O director-geral da TURA, José Augusto Junça, informou que a empresa que dirige executa um processo de despedimento, devido a problemas de tesouraria, mas não revelou o número de trabalhadores que podem ser dispensados.

Por fim...

ANTÓNIO PIMENTA
Sub-Editor



"OPERAÇÃO RESGATE"

Estava há dias a ouvir um debate numas das rádios da nossa urbe, quando alguém disse que as principais linhas de força da "Operação Resgate" consistia em pôr ordem na forma desregrada de como é exercida a actividade comercial no país. Vindo de quem veio, esta afirmação me deixou algo perplexo e até assustado. Sempre pensei que esta operação fosse mais do que isso, sobretudo em Luanda, onde os exemplos de perda de valores podem ser encontrados em qualquer esquina.

As razões para desordem em que vivemos não residem apenas na venda desregrada de produtos nas ruas.

À semelhança do que acontece com os miúdos de rua, as zungueiras são uma consequência dos problemas sociais que "estamos com eles", que deixam subjacente uma gritante falta de valores morais e éticos, que clamam por correcções urgentes, mas bem pensadas e integradas. Acredito que o êxito de qualquer operação apenas será possível se envolver toda sociedade.

Apesar das criticas, penso que o Estado não deve recuar na sua missão de moralização da sociedade. As suas acções mostram que é possível pôr "ordem na casa" e não seria nada bom desistir agora.

O mais sensato agora é defender as conquistas já conseguidas e não deixar que os comerciantes informais voltem às ruas. As conquistas não se fazem de um dia para o outro.

Edificar uma sociedade de direito exige um trabalho árduo que pode durar anos.

É possível manter a "Operação Resgate" no formato actual e, de forma gradual ir se fazendo as correcções que se impuserem. O Estado vai precisar de adoptar algumas políticas para criar postos de trabalho para a grande legião de desempregados que a operação poderá gerar.

O sector imobiliário, os bancos comerciais e as Micro, Pequenas e Médias Empresas (MPME), são seguimentos importantes no desenvolvimento de qualquer sociedade que podem bem cobrir o vácuo que a "Operação Resgate" poderá eventualmente criar.